



# Ministério

Março - Abril de 2005

Uma revista internacional para pastores e obreiros



EVIDÊNCIAS BÍBLICAS  
DA  
TRINDADE



# Esperança em tempos difíceis

**Willmore D. Eva**

Editor de *Ministry*

**H**á ocasiões, na vida de todo pastor, em que nada parece acontecer como deveria. São tempos em que os mais significativos rumos da nossa experiência afiguram-se muito confusos; e, pior de tudo, situações que algumas vezes parecem estar sob controle explodem como um vulcão, enchendo de frustrações nossos mais desesperados esforços para acalmar-nos em nosso mundo interior.

Deixadas a si mesmas, as emoções resultantes dessas situações podem se tornar uma fixação interior difícil de erradicar. Tendem a substituir nossa elevada auto-estima, levando-nos a crer que não valemos muito, ou que não realizamos nada significativo. Podemos acabar sentindo que perdemos aquele nosso “toque” como pastor, pregador, ganhador de almas, líder, e isso inevitavelmente repercutirá em nossa vida e em nossos relacionamentos. Em tudo isso podemos nos tornar hipersensíveis, paranóicos, cronicamente reativos a outras pessoas e, provavelmente, irritadiços em nosso íntimo, de modo a extravasar sempre tais sentimentos.

Não há solução fácil para essas lutas, especialmente quando elas se tornam maneiras arraigadas ou habituais de pensar e sentir. Provavelmente, necessitaremos investir algum tempo, significativa dose de fé e esforço determinado, para que realmente nos libertemos desse atoleiro de desânimo.

Parte do desafio é que muitos de nós somos impacientes, acreditando que apenas um pequeno esforço poderia gerar resultados imediatos. Mas, como bem sabemos, alguns demônios só podem ser afastados com oração e jejum (Mar. 9:29).

Em outras palavras, encontrar uma saída pode requerer algum tempo caminhando com a lama até o pescoço, durante a maior parte da jornada. Até que paulatinamente sentimos que a lama vai alcançando a altura do tórax, então a cintura, e depois os joelhos. Finalmente, verificamos, com alegria, que estamos em terra firme outra vez.

Devemos tratar diretamente com Deus, ao buscarmos uma saída para os descaminhos da nossa vida. Já sabemos disso, mas nunca é demais lembrar essa realidade libertadora. Não estou querendo dizer que ninguém mais pode nos ajudar. Na verdade, o auxílio de

amigos confiáveis, confidentes espiritualmente amadurecidos, pode ser crucial. Creio, no entanto, que somos pessoalmente responsáveis por tomar iniciativas para sair do atoleiro. Ou seja, nossa cura não virá de alguma força imprevisível, ou do acaso, mas de nossa iniciativa e determinação, na dependência da graça e com o auxílio do Espírito Santo. Não podemos ficar esperando passivamente até que alguém nos liberte.

Também creio que é importante afirmar que a estrada de volta não necessita passar pelos campos da psicologia, nem mesmo pelos emaranhados da teologia. As muitas “gias” tendem a complicar nossa vida e podem ser inibitórias da verdadeira plenitude espiritual. A estrada pela qual viajamos em direção à plenitude espiritual não é feita de teorias e conceitos humanos. Na realidade, ela é uma pessoa; justamente Aquele que disse de Si mesmo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). Essa é a saída certa para nossos embates espirituais. Ironicamente, como pastores, somos especialistas nesse assunto, ao aconselharmos outras pessoas.

Mas onde, afinal, poderíamos começar? Qual deveria ser nosso primeiro foco na tentativa de nos libertar dos desalentos? Há uma passagem bíblica que é suficiente para administrarmos a essência dessas questões. Ao povo de Deus no exílio, separado de suas mais profundas raízes e realidades espiri-

tuais, Jeremias transmitiu esta magnificente reafirmação de confiança, que também é um desafio:

“Assim diz o Senhor: Logo que se cumprirem para Babilônia setenta anos atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a Minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar. Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então Me invocareis, passareis a orar a Mim, e Eu vos ouvirei. Buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração” (Jer. 29:10-13).

Eu creio profundamente que essas palavras e promessas, de modo especial a última declaração, se aplicam muito bem aos pastores que porventura se encontrem ansiosos. Não importa quão opressiva a turbulência possa ser. **M**

**“Buscar-Me-eis  
e Me achareis,  
quando Me  
buscardes de todo  
o vosso coração”**



# Deus triúno

**Editor:** Zinaldo A. Santos  
**Assistente de Redação:** Lenice F. Santos  
**Revisoras:** Josiéli Bueno e Rosemara Santos

**Chefe de Arte:** Marcelo de Souza  
**Progr. Visual:** Alexandre Gassul Streicher e  
Josias Henrique da Silva  
**Capa:** Heber Pintos

**Colaboradores Especiais:**  
James Cress; Alejandro Bullón;  
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

**Colaboradores:**  
Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;  
Barito Lazo; Cícero F. Gama; Francisco  
Carlos Bussons; Guillermo Rojas;  
Ivanando B. Oliveira; José Carlos Sánchez;  
José S. Ferreira; Moisés Rivero;  
Roberto Gullón

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro:** Antonio Oliveira Tostes  
**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>  
Serviço de Atendimento ao Cliente:  
[sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)  
Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)  
Ministério na Internet:  
[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)  
[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)

Tiragem: 4.900 exemplares  
5880/13613

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
*Editores dos Adventistas do Sétimo Dia*  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial,  
por qualquer meio, *sem prévia autorização*  
*escrita* do autor e da editora.

**Á**rio de Alexandria, pensador e escritor do quarto século d.C., negava a preexistência de Jesus Cristo. Dessa maneira, ele se tornou o pai do arianismo, cujos seguidores também negam a personalidade do Espírito Santo. É nessa moldura que a doutrina da Trindade é representada como uma construção teológica artificial e, conseqüentemente, absurda ou sem valor. Contudo, para um grande número de cristãos, não é menos que uma doutrina fundamental para o cristianismo, uma vez que trata do conhecimento de Deus. E tal conhecimento influencia toda a compreensão que o indivíduo tem do Ser divino como objeto de adoração.

De acordo com Augustus H. Strong, em sua *Systematic Theology* (Teologia Sistemática), “a doutrina da Trindade pode ser expressa nas seis seguintes afirmações: 1) Há três nas Escrituras que são reconhecidos como Deus. 2) Esses três são descritos de tal maneira que somos compelidos a concebê-los como Seres distintos. 3) A tríplice personalidade da natureza divina não é simplesmente limitada e temporal, mas imanente e eterna. 4) Essa tríplice personalidade também não significa triteísmo; pois, embora haja três Seres, eles são Um, em essência. 5) As três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, são iguais. 6) Inescrutável, porém não contraditória, essa doutrina provê a chave para todas as outras doutrinas bíblicas”. A doutrina da Trindade não é mera especulação vazia, mas é o fundamento da Teologia e afeta as crenças e práticas religiosas do homem.

Portanto, esse não pode ser um tema irrelevante. Na opinião do teólogo adventista Raoul Dederen, “se a doutrina da Trindade é verdadeira, aquelas pessoas que a rejeitam não cultuam ao Deus das Escrituras. Se é falsa, os trinitarianos, ao honrarem o Filho e o Espírito Santo, são culpados de idolatria”. Em conseqüência disso, o dilema posto diante de muitos cristãos é o seguinte: Devemos rejeitar uma doutrina segundo a qual “há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três pessoas coeternas”, porque não podemos entendê-la plenamente, ou continuaremos aceitando-a como sendo designada a incorporar valores vitais, necessários à fé cristã?

Gerhard Pfandl, em um artigo excepcionalmente extenso desta edição, provê elementos que ajudam a construir uma resposta para esse dilema. Sim, porque embora não estabelecida formalmente na Bíblia, a doutrina da Trindade encontra ali sua base, em afirmações do Antigo e do Novo Testamento. E porque, no dizer do teólogo Louis Berkhof, “ao mesmo tempo, é uma doutrina que não teríamos conhecido, nem teríamos sido capazes de sustentar com algum grau de confiança, somente com base na experiência, e que foi trazida ao nosso conhecimento unicamente pela auto-revelação especial de Deus. Portanto, é da máxima importância reunir suas evidências escriturísticas”.

Zinaldo A. Santos

**11 • O CRISTO DO REMANESCENTE**

A igreja do tempo do Juízo reflete o caráter e a missão de Jesus.

**13 • ENSINANDO ADORAÇÃO**

O desenvolvimento espiritual da criança pode ser simultâneo ao seu crescimento físico.

**15 • A TRINDADE NA BÍBLIA**

Evidências bíblicas favoráveis ao trinitarianismo.

**23 • NOS PASSOS DE JESUS**

O exemplo de Cristo nos impõe o dever de fazer discípulos.

**26 • CONSELHOS INESQUECÍVEIS**

Oito características do pastor ideal, apontadas por uma congregação.

**29 • RECUPERAÇÃO DOLOROSA**

Penúltimo artigo da série sobre ética pastoral.

23



## SEÇÕES

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

4 CARTAS

5 ENTREVISTA

8 AFAM

9 PONTO DE VISTA

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO

A CORAÇÃO

*“Jesus vê Seus seguidores por aquilo que eles serão, e não pelo que são no campo espiritual. ... Independente do que possamos ver, pró ou contra, em uma pessoa, há muito mais que enche os olhos, coisas que só Deus entende.”*

Bill Hull

**Pregação aos espíritos**

Leitor assíduo desta apreciada revista, acabo de examinar o artigo “Pregação aos espíritos”, do Pastor Cristhian Alvarez Zaldúa, publicado na edição de janeiro/fevereiro de 2005. Em que pese o seu esforço exegético para lançar luz sobre 1 Pedro 3:18-20, gostaria de fazer algumas observações, envolvendo algumas regras hermenêuticas não deveriam ser esquecidas.

1. Atenção ao contexto. A interpretação apresentada desconsidera o contexto dos versos analisados, ao dizer que a pregação “aos espíritos” não se refere ao tempo de Noé, mas à ressurreição de Cristo. Mas, segundo o contexto de Pedro, a pregação se deu “noutro tempo”, diferente do tempo neotestamentário, “nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca” (v. 20).

2. Há uma ligação entre os “espíritos” (pneuma) e as “oito pessoas” (psuchai) que se salvaram – uma clara alusão a pessoas que habitavam o mundo antediluviano.

3. Não devemos ignorar a ligação lingüística entre o final do verso 18, que menciona o “espírito”, e o início do verso 19, onde encontramos a expressão “no qual”. No idioma grego, essa expressão (en ho kai) é uma clara evidência do Espírito através do qual Jesus pregou aos antediluvianos, usando o elemento humano Noé.

4. Há mais uma ligação que não deve ser ignorada: a de 3:19 e 20 com 4:6, onde é mencionado que “foi o evangelho pregado a mortos”, referindo-se à pregação aos antediluvianos, que, no tempo de Pedro, já estavam mortos. Esses seriam os “espíritos” aos quais o evangelho foi pregado.

Dr. Ozeas Caldas Moura, diretor do Salt, Iaene, Cahoeira, BA

**Correção**

No artigo “Pregação aos espíritos”, da edição de janeiro/fevereiro de 2005, a primeira frase sob o antetítulo “O que foi a pregação”, originalmente, é a seguinte: “Evidentemente, a pregação aos espíritos não era uma oferta de salvação”. Da maneira como foi impressa, torna-se uma contradição do autor ao seu próprio raciocínio. Pedimos desculpas aos leitores.

O editor



Divulgação

# Aula MAGNA

*“Um modo seguro de enfrentar e vencer os desafios ministeriais é instituir um altar na família; que proveja ensino, união, proteção e salvação”*

POR ZINALDO A. SANTOS

Mais de mil pastores e novecentos educadores que estão servindo ou já serviram à Causa de Deus, e, no caso de professores, à causa educacional em outros segmentos, foram seus alunos. Ele já viajou quase um milhão e meio de quilômetros, participando de eventos da Igreja Adventista, realizando palestras e seminários, pregando em congressos de jovens, em todo o Brasil. Estamos nos referindo ao Pastor Orlando Rubem Ritter, nascido em Porto Alegre, RS, há 80 anos. Quando ele tinha apenas dois anos de idade, sua família mudou-se para Curitiba, PR, e depois radicou-se definitivamente em São Paulo. Durante seis anos, estudou na escola paróquial adventista, em Curitiba e Santo Amaro, e por igual período foi aluno interno do Colégio Adventista Brasileiro, CAB, que depois passou a ser Instituto Adventista de Ensino, IAE, e atualmente é o Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp – campus 1.

Segundo o desejo dos seus pais, ele deveria continuar no Seminário estudando Teologia, mas Deus tinha outros planos. A pedido da Igreja, ingressou na Universidade de São Paulo, USP, onde bacharelou-se e licenciou-

se em Matemática e Física. Posteriormente, tornou-se mestre em Educação, pela Universidade Andrews, Estados Unidos.

Em 1944, mesmo ano em que começou a estudar na USP, iniciou suas atividades como professor do CAB, onde também acumulou funções administrativas, como diretor interno e diretor da Faculdade de Teologia, em parte dos 60 anos de serviços prestados a essa instituição. Entre os anos 1955 e 1962, sem reduzir suas atividades no IAE, liderou, juntamente com o Professor Nevil Gorski, a igreja de Santo Amaro. Nessa igreja, ajudou a terminar a construção da Escola Adventista José Bonifácio, a mesma na qual estudara durante a infância, e foi ordenado ao ministério em 1962.

Alvo do respeito e admiração dos seus ex-alunos, o Pastor Ritter mantém neste diálogo com *Ministério* a mesma firmeza característica, em defesa dos princípios que devem nortear a educação cristã adventista e a excelência pastoral.

A seguir, os principais trechos da entrevista.

**Ministério:** *Como se tornou pastor e professor?*

**Pastor Ritter:** De acordo com os planos de meus pais, eu deveria me preparar para o exercício do ministério pastoral. Mas a liderança da antiga União Sul-Brasileira, que naquela época abrangia desde São Paulo até o Rio Grande do Sul, tinha em vista o fortalecimento do ensino no Colégio Adventista Brasileiro. Fui então solicitado a me preparar a fim de servir como professor, fato que inicialmente desagradou meu pai. Como compensação, certamente pela vontade de Deus, me envolvi durante sete anos na liderança da igreja de Santo Amaro e acabei também me tornando pastor.

**Ministério:** *Qual é a sensação de estar jubilado? O que faria diferente, se pudesse começar de novo?*

**Pastor Ritter:** A jubilação, especialmente para quem trabalhou 60 anos na mesma instituição, faz a pessoa se sentir diferente. Mas o preparo para essa nova fase da vida deve ser feito ao longo dos anos de trabalho; e isso deve acontecer de tal maneira que, ao fruir o período da jubilação, o indivíduo possa experimentar aquilo que o profeta escreveu, referindo-se ao Messias: “verá o trabalho de Sua alma e ficará satisfeito” (Isa. 53:11). Gosto das palavras da educadora Ellen G. White,

quando disse que em nossos trabalhos acabados, sentimos alegria semelhante àquela sentida pelo Criador, quando viu que tudo “era muito bom”, no fim da semana da Criação. Se eu pudesse começar de novo, faria quase tudo da mesma maneira, pois creio que Deus guiou minha vida ao longo desses 60 anos. E tenho evidências palpáveis dessa bendita realidade.

**Ministério:** *Tendo dedicado grande parte de sua vida à educação, o senhor concorda que o crescimento das instituições educacionais pode ser uma ameaça a certos princípios na formação do jovem? Novos conceitos e filosofias são adotados, o próprio estilo de vida do internato mudou bastante. A mudança é boa, ou é preciso resgatar o modelo anterior?*

**Pastor Ritter:** Concordo que o crescimento das instituições, acompanhado das mudanças contextuais e das novas idéias, contribui para que, em certos aspectos, corramos o risco de nos desviarmos do rumo educacional primordialmente estabelecido. É interessante notar que justamente esse rumo original contribui para o crescimento da nossa educação. Hoje, mesmo leigos em educação adventista percebem a necessidade de vigilância intensa para não nos desviarmos do rumo. Quanto mais o percebe alguém que militou 60 anos nessa área e numa mesma instituição. De fato, não podemos perder o rumo educacional que foi construído nos primórdios da Igreja, a partir do tratado “Uma educação adequada”, escrito pela conselheira educacional já mencionada, Ellen G. White, em 1872, ano em que foi instituída a primeira escola paroquial adventista em Battle Creek, Estados Unidos. Outros tratados escritos pela mesma autora se sucederam, propondo rumos para uma educação nascente, e culminaram com a publicação, em 1903, do livro *Educação*, no qual lemos, à página 30, que “os grandes princípios de educação são imutáveis. ‘Permanecem firmes para todo o sempre’”. Depois de duramente provados por 25 anos, no *Battle Creek College*, esses princípios foram praticados em escala mundial na primeira metade do século 20, desde o Colégio Spicer, na Índia, e o Colégio Solusi, na África, até o Seminário Fridensau, na Alemanha e o Colégio Adventista Brasileiro, apenas para dar alguns exemplos. A primeira metade do sécu-

lo passado testemunhou o período áureo da educação adventista no mundo e no Brasil, com suas imbatíveis escolas paroquiais e colégios superiores completos, sob o ponto de vista educacional. Contudo, crescimento desmedido, novas idéias, modismos e secularização mudaram os procedimentos em algumas instituições. Mas nunca devemos olvidar o fato de que o teste crucial para procedimentos e atividades coerentes com o nosso rumo educacional é o da restauração da imagem de Deus no educando. Se contribuir para isso, a filosofia implantada é boa. Se houver dúvidas, devemos esperar até que fiquem bem claros os caminhos através dos quais esse sagrado objetivo será atingido. Só então podemos implantar, com segurança, o novo conceito. Aprecio o texto de Ellen White, segundo o qual “vossa obra não consiste em criar beleza na tela ou em esculpi-la no mármore, mas em gravar na alma humana a imagem do Criador”.

## “O obreiro jubilado deve experimentar o que o profeta disse sobre o Messias: ‘Verá o trabalho de Sua alma e ficará satisfeito’”

**Ministério:** *É-nos dito que “nada é mais importante do que a educação de nossos jovens e crianças”. Comente essa declaração, à luz dos papéis da Igreja, da escola e da família.*

**Pastor Ritter:** Diante da afirmação de que a obra da educação e da redenção são idênticas, se infere que a educação de nossos jovens e crianças tem prioridade tanto no planejamento familiar quanto na operação financeira e acadêmica das nossas escolas. Devemos vol-

tar ao conceito de que educação adventista é a educação de adventistas, por adventistas, segundo os princípios adventistas. Em uma ata da Conferência Sul-Rio-Grandense, de abril de 1917, lê-se: “Votado emprestar 250 mil réis ao irmão José Amador dos Reis para que estude um ano no Colégio Adventista devendo mais tarde devolver 150 mil réis dessa quantia.” Anos depois, José Amador dos Reis seria o primeiro brasileiro a ser ordenado ao ministério e, no seu pastorado, foi construída e inaugurada, em 1929, a que é hoje a igreja central paulistana. Tudo começou na priorização, no apoio tangível, que a Igreja deu à educação de um jovem.

**Ministério:** *Quão abrangente é o significado que o senhor vê no verbo “educar”, a partir do professor, seu exemplo, sua maneira de tratar o aluno e os objetivos que tem para com ele?*

**Pastor Ritter:** Educar, que tem o sentido de desenvolver, implica muito mais do que lecionar, ensinar, transmitir informações ou pedagogizar. O processo de educar é uma profunda interação humana acompanhada de boa modelagem pessoal e ambiental. O educador educa tanto pelo que ensina quanto pelo que ele é, ou seja, por seu caráter e sua personalidade. Por isso, existe a proposição: Nunca se ensina uma coisa só, pois se ensina o que se quer e o que se não quer. E muitas vezes se ensina melhor o que se não quer do que o que se quer.

**Ministério:** *Sendo também um formador de pastores, em que termos o senhor compara os perigos e desafios enfrentados pelo professor àqueles que também ameaçam o pastor e sua família, hoje?*

**Pastor Ritter:** Tanto o ministério pastoral quanto o magistério estão rodeados de novos desafios veiculados por novas idéias, novas necessidades ou novos modismos, e pelo ataque da entropia que tende a afrouxar, alterar formas e afetar a permanência de instituições. Ondas de amoralidade e anomia passaram a permear vivências, fazendo com que determinadas atitudes e formas de comportamento, censuráveis no passado, hoje não tenham importância e sejam consideradas normais. É para que isso aconteça é preciso simplesmente não fazer nada na escola ou na igreja. É só deixar de combater o erro. Por isso, laços familiares devem ser cultivados e estruturas organizacio-

nais devem ser cuidadas e protegidas. Creio, e a experiência me tem ensinado, que um modo seguro de enfrentar esses desafios é instituir um altar na família, um altar no lar, para que pais e filhos possam adorar junto dele. Um altar de quatro lados, provendo, no âmbito familiar, ensino, união, proteção e salvação. Não há glória mundana que compense o fracasso na administração do lar. Companheirismo e supervisão amoráveis são antídotos adequados contra a desestruturação familiar, tão comum hoje em dia, da qual nem os membros da igreja nem mesmo a família pastoral estão imunes. “O Meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras, e em lugares quietos e tranqüilos”, escreveu o profeta (Isa. 32:18).

**Ministério:** *Como um pastor pode alcançar êxito em seu trabalho, considerando o nosso mundo cada vez mais secularizado e indiferente às coisas espirituais?*

**Pastor Ritter:** Sem dúvida é lícito ao pastor buscar, com humildade, o êxito mesmo num contexto de apostolado. Êxito no evangelismo, na pregação, no pastoreio das almas que, em si mesmo, é uma profunda interação pessoal e humana. Por sua vez, o reconhecimento, um dos maiores motivadores da conduta humana, pode prover estímulo para a busca do êxito, e isso até o dia do “bem está” a ser proferido pelo Supremo Pastor, na consumação dos séculos. Para conseguir uma experiência de êxito no mundo atual, o pastor deve ser inspirado, seja durante o período de sua formação, seja durante a época do seu ministério, a confiar em Deus, manter comunhão com Ele, buscar Sua proteção, querer e permitir a direção divina e a guia do Espírito Santo. Deve lembrar-se de que o púlpito é a cidadela e a glória do pastor. A pregação é a sua voz. Por isso, o sermão deve ter conteúdo eminentemente bíblico, ser bem estruturado, balizado em estudo profundo e boa cultura geral. O tema escolhido deve resultar do conhecimento das necessidades da sua congregação, através de boa percepção e fina sensibilidade. O sermão deve ser bem apresentado, com fala escorreita e adequado colorido da voz. Deve ser proveitoso à igreja como um todo, com seus vários níveis sociais e culturais. Mais do que tudo,

## “O sermão é mais do que uma obra de arte. Deve ser bem falado e bem praticado; vívido e vivido”

deve ser bem falado e bem praticado. Cada sermão deve mais do que uma obra de arte. Deve ser vívido e vivido, como sempre digo aos professores.

**Ministério:** *A Associação Geral da Igreja Adventista publicou e recomendou a divulgação de um documento intitulado “Afirmação da Criação”. Como um profundo pesquisador de questões científicas, o que o senhor tem a dizer sobre esse assunto?*

**Pastor Ritter:** O tema criacionista é crucial no mundo moderno e pós-moderno, tendo em vista que a comunidade científica fez a sua escolha pelo evolucionismo materialista como sistema de pensamento, não deixando lugar para Deus. Essa escolha não decorre tanto da existência de evidências irrefutáveis. Na verdade, é fruto de modismos intelectuais supostamente científicos. Há muitos gargalos intransponíveis na coluna evolucionista, se dependermos do trio: acaso, correr de muito tempo e seleção natural. Assim, muitos são evolucionistas porque muitos e especialmente a arrogante elite intelectual são evolucionistas. Há, contudo, uma posição intermediária muito preocupante: o evolucionismo teísta, que assume uma criação teísta, mas sem dias literais. Essa posição permeia cada vez mais as comunidades religiosas letradas, com o agravante de a não literalidade dos primeiros capítulos de Gênesis invalidar praticamente todo o texto bíblico. Contra essa tendência e outras afins, é preciso reforçar, como está sendo feito, a posição criacionista. Ao mesmo tempo, deveríamos insistir na integração Bíblia-ensino na escola, e isso em todos os níveis, em todas as disciplinas e em todos os lugares.

**Ministério:** *Outro documento, também votado pela Associação Geral, estabelece princípios para nortear a música eclesialística.*

**Pastor Ritter:** Nesse caso, gosto de pensar no que chamaria de princípio do equilíbrio judicioso. É o seguinte: no exercício da atividade estética, deve ser mantido um judicioso equilíbrio entre elementos emocionais, intelectuais e espirituais. Isso está baseado no que diz Ellen White (*Review and Herald*, 24/11/1899). Esse princípio se aplica especialmente à atividade musical e legisla contra a tendência de procurar causar impacto apelando para a distorção deliberada da melodia e do ritmo, e de outros modismos estranhos em voga nas igrejas e nas escolas. Na música religiosa, a mensagem deve ter proeminência sobre o mensageiro e a grande preocupação deveria ser honrar e glorificar a Deus, além de promover o aprimoramento e o envolvimento da personalidade moral do homem.

**Ministério:** *Em sua opinião, qual é a maior necessidade que têm a Igreja e seu pastorado atualmente?*

**Pastor Ritter:** Desenvolver uma visão que equilibre a visão imediatista do mundo aqui e agora, com a visão mediatista do mundo, depois e além. No mundo, mas não do mundo, No mundo pós-moderno, mas não mundano. No mundo pós-cristão, mas ainda assim cristão.

**Ministério:** *Certamente o senhor planeja publicar um livro sobre uma das suas especialidades. Sobre o que gostaria de escrever?*

**Pastor Ritter:** Realmente penso que chegou o tempo de escrever mais e de falar menos. Mas a área a ser explorada ainda não está definida.

**Ministério:** *A última lição desta “aula”, aos pastores da Divisão Sul-Americana.*

**Pastor Ritter:** Tenham um bom modelo. Sejam bons modelos para poderem ser imitados. Tenham como modelo o Supremo Pastor. Sejam bons modelos na qualidade de subpastores desse Pastor. Os que marcham à frente das pessoas, marcando seus passos e esperando que elas os sigam, devem ter o passo certo e caminhar pelo caminho certo. **M**

# Em busca do verdadeiro Deus

*“Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão, com respeito ao nome do Senhor, veio prová-lo com perguntas difíceis”*

*1 Reis 10:1*



**Maria de Lourdes Duarte**

Diretora do Ministério da Mulher na Associação Mineira Central

No século 6 a. C., não havia uma rede através da qual as notícias pudessem ser divulgadas. As informações eram transmitidas bem devagar, conforme o passo das pessoas ou o andar dos camelos e jumentos. Lentamente, as notícias do sábio rei Salomão, que servia ao Deus todo-poderoso, chegaram até Sabá, localizada a quase dois mil quilômetros ao Sul de Jerusalém.

Tranqüila em seu palácio, a rainha daquela terra deve ter refletido cuidadosamente sobre as várias informações que lhe chegaram. Certamente, ninguém poderia ser tão sábio, e nenhum deus poderia ser extraordinário assim... Mas, e se fosse verdade? E se todas as informações que recebera estivessem corretas? Como seria possível eliminar suas dúvidas? Ela precisava verificar tudo pessoalmente.

A viagem foi longa e dispendiosa. Os estudiosos calculam que a comitiva, composta de soldados, servos e animais, além dos presentes e suprimentos transportados, tenha viajado aproximadamente 30 quilômetros por dia, durante 70 dias. Mas isso não importava. Nenhum esforço era grande demais, nenhum preço era demasiadamente alto, em se tratando do grande objetivo que a rainha tinha em mente: conhecer pessoalmente o grande rei e verificar sua tão famosa sabedoria. Sua atitude nos ensina uma preciosa lição.

## O preço de um objetivo

Vivemos em uma sociedade comodista, de recompensas instantâneas. Queremos obter todas as coisas, sem esforço, e queremos já! No entanto, vemos no gesto da famosa rainha, a disposição de ir à luta, atravessando áridos desertos, na tentativa de encontrar respostas para as suas indagações. Seu propósito, ao iniciar aquela viagem, era o mais nobre.

Você e eu fomos escolhidas para sermos princesas no reino de Deus. Porventura estamos fa-

zendo a nossa parte, dando o melhor de nós, para alcançarmos nossos objetivos, enquanto viajamos para a Jerusalém celestial? Temos investido tempo, recursos e habilidades, para apressar o encontro com o Rei dos reis?

Jesus disse que essa “rainha do Sul ... veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão” (Mat. 12:42). Sua jornada, empreendida sobre o lombo de camelos, serve de exemplo para nós. Aparentemente, ela possuía tudo o que desejava. Mas seu maior bem era um coração que anelava conhecer, através do rei de Israel, o poder e as obras de um Deus maravilhoso, ao qual não conhecia.

Essa mulher notável presenteou Salomão com 120 talentos de ouro (1 Reis 10:10), o que equivale a 3,5 milhões de dólares, e uma grande quantidade de especiarias e pedras preciosas, jamais calculadas. Por que tudo isso? Simplesmente porque ela carecia de uma coisa: conhecimento de Deus e tudo o mais decorrente dessa experiência.

Na verdade, a riqueza material que ela ofereceu ao rei Salomão não representava nada, em comparação ao grande tesouro que acabara de encontrar. Sim, porque, como disse o próprio Salomão, “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Prov. 9:10). **M**

# Há vagas para ceifeiros

*Além de trabalhar por maior número de conversos, devemos investir em maior quantidade e qualidade de missionários*



**James A. Cress**

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

**J**esus Cristo não nos instruiu a orar somente pela colheita; ao contrário, instou-nos a pedir ao Senhor da colheita para enviar mais ceifeiros (Mat. 9:38). O desafio, então, do ponto de vista de Jesus, não reside na falta de grãos para colher, mas na escassez de ceifeiros.

O Ano Mundial da Evangelização, 2004, foi o maior da história adventista em número de batismos. E enquanto ainda nos regozijamos com essa conquista, precisamos refletir na necessidade de obreiros para completar a tarefa. Apesar dos nossos esforços para despertar o interesse das pessoas no evangelho e levá-las ao batismo, enfrentamos o desafio de integrá-las ao discipulado, tornando-as parte da força da colheita. De modo que, ao orar por maior quantidade de conversos, também deveríamos orar por maior número e qualidade de ceifeiros.

## Cuidando da colheita

Colher é mais do que arrancar o grão. Quem o colhe deve armazená-lo no celeiro. Se for abandonado ou negligenciado, mesmo o bom cereal apodrecerá. Frequentemente milhares de novos conversos são adicionados à igreja sem que haja um lugar apropriado onde reuni-los, além da carência de literatura devocional e de assistência pastoral. Um presidente de União contou-me de um esforço evangelístico que produziu milhares de batismos em seu território, mas eles não tinham os endereços dos novos irmãos. As acomodações eram insuficientes e os conversos não eram dizimistas nem ofertavam.

Explosão numérica sem um crescimento proporcional em outros aspectos não é verdadeiro evangelismo, e sim exploração. Se focalizarmos apenas o total de adesões, ignorando o discipulado, os números não frutificarão para o reino. Adesão massiva à igreja, sem o correspondente esforço para conservar o fruto, resultará em apostasia e membros que se tornam um antagonismo evangelístico. Podemos facilmente destruir o processo que desejamos estabelecer.

Se não temos condições para acomodar o recém-batizado em um templo, nem lhe providenciamos líderes bem capacitados para transformá-lo em missionário, devemos orar intensamente para que Deus suscite ceifeiros genuínos.

## Verdadeiros guardadores

A tarefa não está completa com o batismo de uma pessoa. Mesmo o trabalho mais zeloso, sem a preservação da colheita, deixa os resultados em condição pior do que a que se encontravam antes do primeiro contato. “Trabalhar com muita despesa para trazer almas para a verdade e em seguida deixá-las orientando sua própria vida de acordo com falsas idéias que receberam, entrelaçadas em sua experiência religiosa, será deixar o trabalho em muito piores condições do que se a verdade nunca houvesse chegado até elas. Deixar a obra incompleta e a se desbaratar é pior do que esperar até que haja planos bem formulados para cuidar dos que abraçam a fé.”<sup>1</sup>

Note o enigma: Pessoas levadas à conversão, sem assistência adequada, acabam piores do que eram antes. Conversões em massa podem resultar de movimentos inspirados pelo Espírito Santo, como no Pentecostes, ou de ações humanas que deixam um rastro de destruição em seu caminho. A correria, por si só, não é prova de sucesso. Os furacões produzem tremendo barulho, mas deixam conseqüências trágicas. “Ele Se agradaria mais de ter seis pessoas realmente convertidas à verdade como resultado do trabalho deles, do que sessenta que fazem profissão de fé nominal, mas não se converteram de todo.”<sup>2</sup>

Cristo usou analogias desafiadoras para descrever os efeitos de um trabalho incompleto. Falou da semente devorada pelas aves, ou sufocada pelos espinhos; falou do espírito imundo que, sendo expulso, volta a ocupar o espaço vazio, juntamente com outros sete espíritos, tornando o estado de sua vítima pior do que antes.

Pastores e anciãos são guardadores. Necessitamos instruí-los e capacitá-los a fim de que cumpram esse papel. Seu trabalho não está completo quando uma pessoa é batizada, mas somente quando os recém-batizados forem integrados à missão. “As almas são preciosas à vista de Deus; ao abraçarem a verdade, educai-as, e ensinaí-las, a assumirem encargos.”<sup>3</sup>

## Preservação do máximo

Certo fazendeiro me ensinou que a tarefa de colher não é limitada ao movimento das máquinas arrancando o grão no campo. Isso deve ser combinado com a estocagem e preservação do que foi colhido, ou o trabalho será desperdiçado.

Ellen White usa a mesma linguagem para descrever o processo de semear, colher e conservar: “Muitas vezes o trabalho é deixado incompleto, e em muitos desses casos não produz resultado. Por vezes, depois de um grupo de pessoas haver aceitado a verdade, o pastor pensa que deve seguir imediatamente para novo campo; e às vezes sem a devida averiguação, recebe autorização para partir. Isso é um erro; ele deve findar o trabalho começado, pois, deixando-o incompleto, faz-se mais mal do que bem. Campo algum é tão pouco promissor como aquele que foi cultivado o suficiente para dar ao joio um mais luxuriante desenvolvimento. ... É melhor que o pastor não se meta na obra, a não ser que ele possa completar inteiramente o trabalho.”<sup>4</sup>

O alvo da Grande Comissão não é o número de batizados, mas o de discípulos. O batismo é um ponto vital, essencial e culminante no processo de conversão, mas não pode ser “o evento” que mede todo o trabalho. Note a ordem de Cristo: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os... ensinando-os a guardar todas as coisas...” (Mat. 28:19). Não raro falhamos em compreender a diferença entre o evento de arrolar pessoas à igreja e o processo de assimilação no corpo de crentes. Como Peter Wagner declarou, “todo sistema que separa evangelismo e discipulado tem se tornado a causa de seu próprio fracasso”.<sup>5</sup> Muitas igrejas são implantadas, parecem crescer e logo enfraquecem por falta dessa compreensão.

A formação missionária do novo crente não é um trabalho fácil. Sempre haverá explicações para que ela seja negligenciada. A nutrição de crentes recém-nascidos é desafiante, difícil, e pode até nos frustrar. Afinal, é mais prazeroso gerar um bebê do que trocar suas fraldas e limpá-lo.

“Depois de as pessoas se haverem convertido à verdade, cumpre sejam cuidadas. Parece que o zelo de muitos pastores esmorece assim que alcançam certa medida de êxito em seus esforços. Não compreendem que os novos convertidos necessitam ser atendidos – vigilante atenção, auxílio, animação. Não devem ser deixados a si mesmos, presa das mais poderosas tentações de Satanás; eles precisam ser instruídos com relação a seus deveres, ser bondosamente tratados, conduzidos e visitados, orando-se com eles. Essas almas necessitam do alimento dado a seu tempo a cada homem.

“Não admira que alguns desanimem, retardem-se pelo caminho, e sejam deixados por presa aos lobos. ... Deve haver mais pais e mães para tomarem ao colo esses infantes na verdade, e animá-los e orar com eles, para que sua fé não se confunda.”<sup>6</sup>

## Cuidado paciente

Negligenciar ou rejeitar os novos crentes é fazer o mesmo com o seu Salvador. “Ele Se refere àqueles que são ‘pequenininhos, que crêem em Mim’ os que ainda não obtiveram experiência em segui-Lo, os que necessitam ser conduzidos como crianças, por assim dizer, no buscarem as coisas do reino do Céu.”<sup>7</sup>

É básico ao papel de líderes espirituais ser paciente com os recém-convertidos. “Os recém-chegados à fé devem receber um trato paciente e benigno, e é dever dos membros mais antigos da igreja cogitar meios e modos para prover auxílio, simpatia e instrução. ... A igreja tem responsabilidade especial quanto a atender essas almas que seguiram os primeiros raios de luz recebidos; e caso os membros da igreja negligenciem este dever, serão infiéis ao depósito a eles confiado por Deus.”<sup>8</sup>

Mateus 9:37 e 38 constitui-se uma das maiores passagens missionárias do Novo Testamento. “Cristo pinta o mundo como uma grande seara espiritual, necessitada de obreiros para reunir fruto. Ele pede aos discípulos para que orem ao Senhor pedindo mais obreiros. ... Como ocorre tão frequentemente, aqueles que oram são eles mesmos enviados.”<sup>9</sup>

Todos os que amam a Cristo e as almas pelas quais Ele morreu deveriam mostrar tal amor pela Sua vinha, orando para que o Senhor envie ceifeiros mais habilidosos, fiéis, sábios e industriais para a colheita. **M**

### Referências:

- 1 Ellen G. White, *Evangelismo*, págs. 84 e 85.
- 2 \_\_\_\_\_, *Ibidem*, pág. 320.
- 3 \_\_\_\_\_, *Ibidem*, pág. 335.
- 4 \_\_\_\_\_, *Ibidem*, pág. 322.
- 5 C. Peter Wagner, apontamentos em sala de aula, Seminário Teológico Fuller, março de 1986.
- 6 Ellen G. White, *Op. Cit.*, págs. 351 e 352.
- 7 \_\_\_\_\_, *Ibidem*, pág. 341.
- 8 \_\_\_\_\_, *Ibidem*, 351.
- 9 W. MacDonald and A. Farstad, *Believer's Bible Commentary: Old and New Testaments* (Nashville: Thomas Nelson, 1995); Mat. 9:37 e 38.



Divulgação

**Becher Cabrera**

Pastor em La Pampa,  
Missão Argentina  
do Sul

## Estudo Bíblico

*Identificação  
com a vida  
e missão  
de Jesus é  
o sinal  
que distingue  
os que Lhe pertencem*

# O Cristo do remanescente

**P**ara muitas pessoas no mundo cristão, a figura de Cristo tornou-se apenas um *slogan*, um símbolo ou fetiche. Para outras, Ele é um personagem histórico, capaz de ser manipulado de tantas formas, conforme os seus objetivos. Mas também há quem O veja através da mensagem das Escrituras e encontram nEle salvação, o centro da fé e o amigo poderoso que está sempre junto, ajudando a enfrentar as provas da existência.

Mas haverá, porventura, algo novo sobre Cristo, relacionado com o povo remanescente? Possuem as Escrituras uma mensagem distinta da pessoa de Cristo para o remanescente? Para responder a essas questões é natural que observemos o modo como nos é apresentado o caráter de Jesus no Apocalipse. Nesse livro, Ele é o Cristo de toda a Igreja cristã em sua peregrinação para o reino. Mas também, e de modo especial, é o Cristo do povo remanescente em suas diversas fases na História.

### A identificação

O período representado pelas sete igrejas no Apocalipse assinala a existência de um remanescente fiel. Em Éfeso,

ele sofreu com paciência e trabalhou por amor a Cristo (Apoc. 2:3). Em Esmirna, sofreu tribulação e pobreza, mas se manteve fiel até à morte (Apoc. 2:9). Na igreja de Pérgamo, o remanescente se manteve firme na fé (Apoc. 2:13), e serviu com amor, fé e paciência, nos dias de Tiatira (Apoc. 2:19). No período de Sardes, apenas uns poucos não mancharam seus vestidos (Apoc. 3:4). Em Filadélfia, o remanescente guardou a palavra e não negou o nome de Jesus (Apoc. 3:8). Embora não encontremos uma referência específica ao remanescente na igreja de Laodicéia, porque ela só recebe repreensões e advertências, ele aparece em Apoc. 12:17. Aí é mencionado o caráter do remanescente do tempo do fim, e sua fidelidade aos mandamentos e ao dom profético.

Ao dirigir-se às sete igrejas, João faz isso em nome de Deus, “dos sete Espíritos” e de Jesus Cristo. Então fala do caráter e da missão de Cristo, Aquele “que é, que era e que há de vir ... a fiel Testemunha, o primogênito dos mortos e o soberano dos reis da Terra. Aquele que nos ama, e pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados e nos constituiu reino, sacerdotes para o

Seu Deus e Pai, a Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém” (Apoc. 1:4-6).

No mesmo contexto da mensagem às sete igrejas, Jesus aparece em uma impressionante manifestação de poder, para assinalar Seu cuidado, proteção e domínio sobre Seu povo. O vidente ouviu uma voz como de trombeta: “... Eu sou o primeiro e o último...” Ao procurar ver quem falava, João viu sete candeeiros de ouro e, andando entre eles, Jesus (Apoc. 1:12-18).

Todas essas características são vistas na mensagem às sete igrejas. “Aquele que conserva as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros” apresenta-Se a Éfeso. “O primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver”, apresenta-Se a Esmirna. Quem fala a Pérgamo é “Aquele que tem a espada afiada de dois gumes”. E o “que tem olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao bronze polido” fala a Tiatira. Quem Se dirige a Sardes é “Aquele que tem os sete espíritos de Deus, e as sete estrelas”. “O santo, o verdadeiro, Aquele que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre” dirige-Se a Filadélfia.

Finalmente, “o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” apresenta-Se a Laodicéia.

Essa ênfase na revelação do caráter de Cristo ao remanescente é um claro sinal da identificação divina com a Igreja e também da necessidade que ela tem de uma relação viva com o Senhor.

## O caráter de Cristo

A manifestação do caráter de Jesus é vista no que Ele faz em favor do Seu povo. Ele é “a fiel Testemunha”, porque Seu testemunho é a Palavra de Deus. Portanto, Sua mensagem é autêntica, verdadeira (Apoc. 21:5). Ele conhece as obras do Seu povo (Apoc. 2:2, 9, 13 e 19: 3:1, 8 e 15); pode fazer uma radiografia completa da Igreja (Apoc. 2:23); nada Lhe é oculto. Não falhará em cumprir Seus propósitos de salvação e restauração para o Seu povo, eliminando o pecado para sempre, e condenando os impenitentes. Não deixará de consumir a transformação do caráter de Seus filhos (Apoc. 21:3-8; 22:3, 4, 7 e 20).

Jesus Cristo é “Aquele que nos ama, e pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados” (Apoc. 1:5). Essa qualidade é central na descrição do Seu caráter. Em Apocalipse 5, Ele é o único que possui autoridade para realizar o Juízo, por ser o Redentor através da expiação: “Digno és de tomar o livro e de abri-lhe os selos, porque foste morto e com o

Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua povo e nação” (Apoc. 5:9). A mesma idéia é repetida no verso 12: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria e força, e honra, e glória, e louvor.”

A Igreja do tempo do Juízo não oculta sua compreensão do caráter misericordioso de Jesus. Conhece-o, valoriza-o e o manifesta. Amparada por essa misericórdia, ela enfrenta a crise final. Fundamentado na justiça divina, expressa no sacrifício substitutivo de Cristo em favor do ser humano, é que o remanescente vive e enfrenta o Juízo pré-advento.

O povo de Deus experimenta a alegria da salvação pela fé, a certeza da vitória, não a partir dos seus próprios méritos, mas através da cruz. Não a partir da sua própria bondade, mas da bondade do Senhor. Por isso, o remanescente termina cantando um cântico de vitória atribuída “ao ... que Se assenta no trono e ao Cordeiro” (Apoc. 7:10). Essa é a razão pela qual também permanecerá diante do trono de Deus; Lhe serve dia e noite, experimenta a transformação do caráter e viverá por toda a eternidade bebendo da Fonte da Vida. Sim, “lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro” (Apoc. 7:14).

“O primogênito dos mortos, e o Soberano dos reis da Terra” (Apoc. 1:5); “Aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso” (Apoc. 1:8); o “Filho do homem” (Apoc. 1:13). Essas são referências a Seu poder, autoridade e missão sobre todas as criaturas e, de um modo definido, sobre Seu povo.

## A missão

Anunciar o evangelho (Apoc. 14:6) é sempre a missão de Cristo. Mas no contexto do tempo do fim, esse evangelho adquire características especiais. Em primeiro lugar, o personagem central da missão aparece na figura do “Filho do homem”, tomada do Juízo de Daniel 7:13 e 14, onde Cristo recebe autoridade e domínio, e entrega o reino à Sua Igreja: “Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre” (Dan. 7:18).

Que a missão da Igreja seja expressa no contexto do Juízo é muito importante. Significa que a Igreja só pode cumpri-la se o conteúdo de sua mensagem incluir esse evento (Apoc. 14:7), e sua experiência de fé incluir os benefícios desse Juízo: “tendo nas frentes escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai”; “não se contaminaram com mulheres...”; seguindo “o Cordeiro por onde quer que vá”, “foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro”; não se achando “mentira em sua boca” (Apoc. 14:1-5).

A proclamação e a experiência do Juízo estão unidas no remanescente. Suas atividades missionárias devem exaltar a Cristo, anunciando que, por Sua vitória na cruz, Ele tem o domínio sobre todas as coisas. Seu poder está ativo e por meio dele os homens recebem os benefícios da salvação e da santificação. O remanescente não apenas tem a mensagem certa, mas vive de acordo com ela: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12). **M**





Raquel Arrais

Diretora dos  
Ministérios da Criança  
e do Adolescente,  
da Divisão  
Sul-Americana

## Ministério da Criança

*Situações  
da vida em  
família são  
caminhos  
pelos quais  
podemos conduzir  
nossos filhos a Deus*

# Ensinando adoração

Como pais, desejamos que nossos filhos experimentem a alegria de conhecer Jesus desde os primeiros dias de vida. E junto com esse desejo, vêm-nos também à mente perguntas que nos fazem pensar. Por exemplo, quanto pode uma criança realmente compreender sobre a Divindade? Como isso muda à medida que ela cresce? A fim de ajudar nossos filhos a desenvolverem a fé que levarão para a vida adulta, é essencial que atuemos em cada estágio de seu desenvolvimento.

Os primeiros anos são fundamentais para o desenvolvimento espiritual da criança. E Ellen G. White orientou sobre a importância desse estágio, ao escrever o seguinte: "Nunca se pode acentuar demasiadamente a importância da educação ministrada à criança em seus primeiros anos de existência. As lições aprendidas, os hábitos formados durante os anos da infância, têm mais que ver com o caráter e a direção da vida do que todas as instruções e educação dos anos posteriores.

"Os pais devem considerar isso. Eles precisam compreender os princípios que fundamentam o cuidado e a educação das crianças."<sup>1</sup>

### Oportunidades áureas

Nós, os pais, procuramos sempre estar presentes, prontos a alimentar o bebê faminto, brincar com ele quando acorda, ou niná-lo para dormir. Por meio dessa experiência, a criança desenvolve o fundamento do amor e da confiança em nós e, posteriormente, em Deus também.

Outra grande oportunidade que podemos utilizar para ensinar os filhos a adorarem a Deus, é aproveitar a curiosidade natural que eles possuem e falar-lhes a respeito do poder e da criatividade do nosso Senhor. Devemos falar de Deus como o Criador, enquanto caminhamos em meio à natureza, quando lemos livros com ilustrações a ela relacionadas, ou quando visitamos um jardim zoológico. Essas atividades

William de Moraes

simples produzem resultados significativos no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. E o que é aprendido aqui fica registrado para sempre em sua memória.

Ao chegar à faixa dos três e quatro anos, a criança expressará muitas vezes os seus pensamentos e sentimentos, durante as horas em que estiver brincando. Esse é um bom momento para estar perto e partilhar experiências. À medida que nossos filhos aprenderem mais a respeito do amor de Deus, alimentarão o desejo de Lhe demonstrar também o seu amor infantil. E o farão através de hinos e singelas orações.

Esse é um estágio de rápido desenvolvimento mental. Com a capacidade intelectual em expansão, a criança vai adquirindo melhor compreensão a respeito do certo e do errado. Assim, enquanto nossos filhos aprendem as verdades bíblicas, como amar as pessoas, respeitar os pais, e ser verdadeiros, podem começar a colocá-las em prática. “É durante os primeiros anos da vida da criança que sua mente é mais suscetível a impressões, sejam boas ou más. Durante esses anos, faz-se decidido progresso, quer na direção certa, quer na errada. De um lado, muita informação inútil

pode ser adquirida; de outro, conhecimento muito sólido e valioso.”<sup>2</sup>

Muitas crianças, que nasceram e foram criadas em lares cristãos, por volta dos seis anos, estão prontas para convidar Jesus a fim de que Se torne amigo delas por toda a vida. Embora seja esse um período emocionante para os pais, é importante que as crianças tomem sua própria decisão.

### Perguntas inquietantes

Quando chega aos sete e oito anos, a criança começa a fazer indagações mais profundas. Mas não devemos nos preocupar. Perguntas e dúvidas indicam que estão amadurecendo e aprendendo a buscar suas próprias respostas. E quando descobrirem tais respostas, pesquisando as Escrituras ou conversando sobre o assunto, estarão se equipando melhor para seguir a Deus por decisão livre, em lugar de serem obrigadas por nós a fazer isso. Devemos incentivar nossos filhos a empregarem suas capacidades e habilidades especiais para servir a Deus e às pessoas que os cercam.

O conselho seguinte é sobremodo oportuno: “As crianças de oito, dez, ou doze anos, já têm idade suficiente para serem dirigidas ao tema da religião individual. Não ensineis vossos filhos

com referência a um tempo futuro em que eles terão idade bastante para se arrependem e crerem na verdade. Caso sejam devidamente instruídas, crianças bem tenras podem ter idéias corretas quanto a seu estado de pecadores, e ao caminho da salvação por meio de Cristo. Os pastores são em geral bastante indiferentes para com a salvação das crianças, e não se dirigem a elas tão pessoalmente como deveriam. Passam com freqüência desaproveitadas áureas oportunidades de impressionar a mente delas.”<sup>3</sup>

A relativa calma que presenciamos na criança, quando ela alcança nove e dez anos de idade, parece desaparecer por volta dos onze, quando a sua mente dá um salto dramático do comportamento de seguir regras concretas para um mundo de possibilidades infinitas. Nessa época da vida, as crianças começam a pensar e a fazer interrogações como: “e se...?” “E se Jesus não tivesse morrido?” “E se isto ou aquilo tivesse acontecido?” “E se isto ou aquilo não tivesse acontecido?”

### Projeto de longo prazo

Devemos buscar juntos as respostas para questões difíceis. A pesquisa em si irá mostrar à mente adolescente que a fé é um processo de crescimento e aprendizagem, até mesmo para os adultos. É nessa fase que nossos filhos começam a lutar com sua própria identidade e buscam se “encaixar” no mundo. É o momento de ficarmos ao seu lado e ajudá-los a encontrar essa identidade no Senhor Jesus, dedicando-lhes tempo, cuidado e oração.

A medida que eles crescem e se desenvolvem, devemos manter sempre os olhos abertos aos indícios de seu avanço na maturidade espiritual e estar por perto, a fim de ajudá-los nessa jornada.

Ensinar aos filhos a experiência de adoração a Deus não é um projeto de curto prazo. Devemos sempre buscar formas de demonstrar nosso amor, que é a expressão mais aproximada que temos do verdadeiro amor que flui do nosso Pai Celestial. Que nossas ações possam encorajar nossos filhos a descobrir, apreciar e então responder ao amor de Deus. **M**

#### Referências:

- 1 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 380.
- 2 \_\_\_\_\_, *Orientação da Criança*, pág. 193.
- 3 \_\_\_\_\_, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 150 e 151.



William de Moraes



Divulgação

**Gerhard Pfandl**

Ph.D., diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

## Especial

*“Há um só Deus:  
Pai, Filho  
e Espírito Santo,  
uma unidade  
de três  
Pessoas coeternas”*

– Crença Fundamental Adventista nº 2

# A Trindade na Bíblia

**A** doutrina da Trindade (do latim *trinitas* = “triunidade” ou “três-em-umidade”) é uma das mais importantes doutrinas da fé cristã. Mas ultimamente alguns têm questionado sua validade. Por exemplo, em uma monografia, Fred Allaback argumenta que “a Igreja Adventista do Sétimo Dia não cria na doutrina da Trindade até muito tempo depois da morte de Ellen G. White”.<sup>1</sup> “Os pioneiros adventistas”, escreveu ele, “acreditavam que em um ponto longínquo da eternidade somente um Ser divino existia. Então esse Ser divino teve um Filho.”<sup>2</sup> Dessa forma, Cristo teve um começo. Com respeito ao Espírito Santo, Allaback crê que Ele é o Espírito de Deus e de Cristo; não um outro Ser divino.<sup>3</sup>

A mesma visão é adotada por Bill Stringfellow,<sup>4</sup> Rachel Cory-Kuehl<sup>5</sup> e Allen Stump.<sup>6</sup> Todos esses ensinam que em um ponto no tempo Jesus não existia; e que o Espírito Santo é apenas uma força. Stringfellow diz: “Houve um certo e específico dia quando Deus deu à luz Seu Filho. ... Houve um tempo (embora seja impossível identificá-lo precisamente no passado) quando Cristo não existia.”<sup>7</sup>

## O mistério

Embora a palavra Trindade não seja encontrada na Bíblia (nem a palavra encarnação), o ensinamento que ela descreve é encontrado ali. A doutrina da Trindade estabelece o conceito de que há três Seres plenamente divinos: Pai, Filho e Espírito Santo, que formam um Deus.<sup>8</sup> Por sua vez, Ellen White usa o termo “Divindade” que é encontrado em Romanos 1:20 e Colossenses 2:9. Através dessa palavra ela transmite a mesma idéia contida no termo Trindade, ou seja, há três Seres viventes na Divindade. Segundo uma de suas declarações, “há três pessoas vivas pertencentes ao Trio celeste; em nome destes três grandes poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo”.<sup>9</sup>

O próprio Deus é um mistério,<sup>10</sup> quanto mais a encarnação ou a Trindade. Entretanto, isso não deveria nos embaraçar, já que os diferentes aspectos desses mistérios são ensina-

dos nas Escrituras. Embora não possamos compreender tudo sobre a Trindade, necessitamos tentar entender, tanto quanto possível, o ensino bíblico a seu respeito. Todas as tentativas para explicá-la serão insuficientes, “especialmente quando refletimos sobre a relação das três pessoas com essência divina ... todas as analogias são limitadas e nós nos tornamos profundamente conscientes de que a Trindade é um mistério muito além da nossa compreensão. É a incompreensível glória da Divindade”.<sup>11</sup>

Portanto, é sábio admitir que o homem “não pode compreendê-la nem torná-la compreensível. É compreensível em algumas de suas relações e modos de se manifestar, mas ininteligível em sua natureza essencial”.<sup>12</sup> Certos elementos se tornarão claros, e outros permanecerão um mistério, pois “as coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Deut. 29:29). Onde não temos uma palavra clara das Escrituras, o silêncio é ouro.<sup>13</sup>

## No Antigo Testamento

Algumas passagens do Antigo Testamento sugerem, ou implicam, a existência de Deus em mais de uma pessoa. Quando não necessariamente em uma Trindade, pelo menos em duas pessoas.

*Gênesis 1.* No relato da criação em Gênesis 1, a palavra traduzida como Deus é 'Elohim, a forma plural de 'Eloha. Geralmente essa forma é interpretada como um plural de majestade ao invés da idéia de pluralidade. Entretanto, G. A. F. Knight argumenta que essa interpretação corresponde a ler um conceito moderno no texto hebraico antigo, desde que os reis de Israel e Judá são tratados na forma singular, no relato bíblico.<sup>14</sup> Knight aponta que as palavras hebraicas para água e céu também são plurais. Os gramáticos nomeiam esse fenômeno como plural quantitativo. A água pode aparecer em forma de pequenas gotas ou grandes oceanos. Essa diversidade quantitativa em unidade, segundo Knight, é uma forma adequada de compreender o plural 'Elohim. E também explica por que o substantivo singular 'Adonai é escrito como plural.<sup>15</sup>

Em Gênesis 1:26, lemos: “Também disse Deus [singular]: Façamos [plural] o homem à nossa [plural] imagem, conforme a nossa [plural] semelhança...” O que é significativo aqui é a mudança do singular para o plural. Moisés não está usando o verbo no plural com 'Elohim, mas Deus está usando um verbo e um pronome no plural, em referência a Si mesmo. Alguns intérpretes acreditam que Deus está falando aqui de anjos. Mas, de acordo com as Escrituras, os anjos não participaram da criação. A melhor explicação é que, já no primeiro capítulo de Gênesis, há uma indicação de pluralidade de pessoas em Deus.

*Deuteronômio 6:4.* De acordo com Gênesis 2:24, “deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só [’echad] carne”. É uma união de duas pessoas distintas. Em Deuteronômio 6:4, é usada a mesma palavra em relação a Deus: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único [’echad] Senhor.” Segundo Millard J. Erickson, “aparentemente alguma coisa está sendo afirmada aqui sobre a natureza de Deus – Ele é um organismo, isto é, uma unidade de partes distintas”.<sup>16</sup> Moisés bem poderia ter usado a palavra *yachid* (“um”; “único”), mas o Espírito Santo escolheu não fazê-lo.

*Outros textos.* Após a queda do homem, Deus disse: “Eis que o homem se tornou como um de nós” (Gên. 3:22). E algum tempo depois, quando o ho-

mem começou a construir a torre de Babel, o Senhor ordenou: “Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem” (Gên. 11:7). Em cada caso, a pluralidade da Divindade é enfatizada.

Em sua visão do trono de Deus, Isaías ouviu o Senhor perguntando: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (Isa. 6:8). Aqui encontramos Deus usando o singular e o plural na mesma sentença. Muitos eruditos modernos tomam isso como uma referência ao Concílio Celestial. Mas, pediria Deus algum conselho às Suas criaturas? Em Isaías 40:13 e 14, Ele parece refutar essa noção. Deus não necessita aconselhar-Se nem mesmo com criaturas celestiais. Portanto, o uso do plural em Isaías 6:8, embora não especifique a Trindade, sugere que há uma pluralidade de seres no Orador.

*O anjo do Senhor.* A frase “anjo do Senhor” aparece 58 vezes no Antigo Testamento. “O anjo de Deus” aparece onze vezes. A palavra hebraica para “anjo” – *mal’ak* – significa mensageiro. Se o “anjo do Senhor” é Seu mensageiro, então deve ser distinto do Senhor. Todavia, em alguns textos, o “anjo do Senhor” também é chamado “Deus” ou “Senhor” (Gên. 16:7-13; Núm. 22:31-38; Juí. 2:1-4; 6:22). Os pais da Igreja identificavam esse anjo com o Logos pré-encarnado. Eruditos modernos vêem-no como um Ser que representa Deus, como o próprio Deus, ou como algum poder externo de Deus. Por sua vez, eruditos conservadores geralmente aceitam que “este ‘mensageiro’ deve ter sido como uma manifestação especial do Ser do próprio Deus”.<sup>17</sup> Se isso é correto, temos aqui outra indicação da pluralidade de pessoas na Divindade.

**Embora não especifique a Trindade, o uso do plural em algumas passagens do Antigo Testamento sugere uma pluralidade de Seres na Divindade**

mem começou a construir a torre de Babel, o Senhor ordenou: “Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem” (Gên. 11:7). Em cada caso, a pluralidade da Divindade é enfatizada.

## No Novo Testamento

A verdade, na Bíblia, é progressiva. Por isso, é no Novo Testamento que encontramos um quadro mais explícito da natureza trinitária de Deus. A declaração de que Ele é amor (1 João 4:8) implica que deve haver uma pluralidade dentro da Divindade, considerando-se que o amor só pode revelar-se em um relacionamento pluralístico.

Por ocasião do batismo de Jesus, encontramos os três membros da Divindade em ação ao mesmo tempo: “Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os Céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre Ele. E eis uma voz dos Céus

que dizia: Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo” (Mat. 3:16).

Eis uma notável manifestação da doutrina da Trindade. Ali estava Cristo em forma humana, visível a todos; o Espírito Santo desceu sobre Ele na forma de uma pomba; e a voz do Pai foi ouvida dos Céus: “Este é o Meu Filho amado, em quem me comprazo”. Em João 10:30, Cristo fala de Sua igualdade com o Pai, e em Atos 5:3 e 4, o Espírito Santo é identificado como Deus. É impossível explicar a cena do batismo de Jesus por qualquer outra maneira senão assumindo que há três pessoas, iguais em natureza ou essência divina.

No batismo, o Pai referiu-Se a Jesus como “Meu Filho amado”. Essa filiação, entretanto, não é ontológica, mas funcional. No plano da salvação, cada membro da Trindade aceitou um papel específico, com o propósito de cumprir um alvo particular. Não se trata de mudança de essência ou *status*. Millard J. Erickson o explica desta maneira:

“O Filho não Se tornou inferior ao Pai durante a encarnação, mas subordinou-Se funcionalmente à vontade do Pai. Semelhantemente, o Espírito Santo agora está subordinado ao ministério do Filho (ver João 14-16) bem como à vontade do Pai, mas isso não implica inferioridade em relação a Eles.”<sup>18</sup> No pensamento ocidental, os termos “Pai” e “Filho” contêm a idéia de origem, dependência e subordinação. Na mente oriental ou semítica, entretanto, eles enfatizam igualdade de natureza. Assim, quando as Escrituras falam de “Filho” de Deus, estão afirmando a divindade de Cristo.

Ao terminar Seu ministério terrestre, Jesus ordenou aos discípulos: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mat. 28:19). Nessa comissão, nota-se claramente a Trindade. Primeiramente, notamos que a frase “em nome” [*eis to onoma*] é singular, não plural (nos nomes). Ser batizado em nome de três pessoas da Trindade significa identificar-se com tudo o que Ela representa; comprometer-se com o Pai, Filho e Espírito Santo.<sup>19</sup> Em segundo lugar, a união desses três nomes indica que o Filho e o Espírito Santo são iguais ao Pai. Seria estranho, para não dizer blasfemo, unir o nome do Deus eterno com um “ser criado” e uma “força” ou “energia” na fórmula batismal.

“Quando o Espírito Santo é colocado na mesma expressão e no mesmo nível das outras duas pessoas, é difícil evitar a conclusão de que Ele também é visto como sendo igual ao Pai e ao Filho.”<sup>20</sup>

Paulo e outros escritores do Novo Testamento geralmente usam a palavra “Deus” para se referir ao Pai; “Senhor”, em referência ao Filho, e “Espírito”, em referência ao Espírito Santo. Em I Coríntios 12:4-6, o apóstolo fala dos três no mesmo texto: “Ora, os dons são diversos, mas

o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.” Da mesma forma, em II Coríntios 13:13, ele enumera as três pessoas da Trindade, ao mencionar “a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo”.

Embora não possamos dizer que esses textos sejam uma enunciação formal da Trindade, eles e outros como, por exemplo, Efésios 4:4-6, são trinitarianos em caráter. E embora a Igreja tenha elaborado os detalhes dessa doutrina em tempos posteriores, ela o fez sobre o fundamento dos escritores bíblicos.

## Divindade de Cristo

Um elemento crucial na doutrina da Trindade é a divindade de Cristo. Diante do ensinamento de que há um Deus em três pessoas, e que cada uma dessas pessoas é plenamente divina, é importante verificarmos o que as Escrituras ensinam sobre a divindade de Cristo. Existem passagens no Novo Testamento que confirmam a deidade plena de Jesus.

João 1:1-3;14. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” A frase introdutória “no princípio” nos leva de volta ao começo do tempo. Se o Verbo estava “no princípio”, então Ele não teve princípio, que é outra forma de dizer que era eterno.

“O Verbo estava com Deus” nos diz que o Verbo era uma pessoa ou personalidade separada. O Verbo não estava em (*en*) Deus, mas com (*pros*) Deus. Desde que o Pai e o Espírito Santo são Deus, a palavra “Deus” muito provavelmente inclui esses dois outros membros da Trindade.

“E o Verbo era Deus”. O Verbo não era uma emanção de Deus, mas Deus mesmo. Embora o verso 1 não diga quem é o Verbo, o verso 14 claramente O identifica: “E o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai.” Como disse Arthur W. Pink, “é impossível conceber uma afirmação mais enfática e inequívoca da deidade absoluta do Senhor Jesus Cristo”.<sup>21</sup>

João 20:28. “Respondeu-Lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu.” Essa é a única vez, nos evangelhos, em que alguém se dirige a Cristo, chamando-O de “meu Deus” (*ho Theos mou*). É significativo que nem Cristo nem João desaprovaram a declaração de Tomé; pelo contrário, esse episódio constituiu um ponto alto da narração do evangelista, que imediatamente fala a seus leitores: “Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome”

**O Novo Testamento nos apresenta um quadro mais explícito da natureza trinitária de Deus**

(vs. 30 e 31). Este evangelho, diz João, foi escrito para persuadir outros indivíduos a imitarem Tomé no reconhecimento de Cristo como “Senhor meu e Deus meu”.

*Filipenses 2:5-7*. Essa passagem foi escrita para ilustrar a humildade. Mas é um dos textos de apoio à divindade de Cristo. “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma [*morphé*] de Deus não julgou como usurpação [*harpagmos*] o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma [*morphé*] de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana...”

*Morphé*, que significa “forma” ou “aparência visível”, é uma palavra descritiva da natureza genuína, a essência de uma coisa. “Não se refere a qual-

quer forma mutável, mas uma forma específica da qual dependem a identidade e o *status*.”<sup>22</sup> *Morphé* contrasta com *schema* (2:8), que também significa “forma” porém no sentido de aparência superficial, ao invés de essência. O substantivo *harpagmos* aparece apenas nesse texto, no Novo Testamento, e o verbo correspondente significa “roubar, tirar à força”. No grego secular, o substantivo significa “roubo”.

O contexto deixa claro que Jesus não cobiçou, não tentou roubar “o ser igual a Deus”; não tentou agarrar-Se à igualdade com Deus a qual Ele possuía intrinsecamente. Em outras palavras, não tentou reter Sua igualdade com Deus pela força. Em vez disso, “tratou-a como uma oportunidade para renunciar qualquer vantagem ou privilégio decorrentes; como uma oportunidade para auto-empobrecimento e sacrifício

próprio sem reserva”.<sup>23</sup> Esse é o significado da expressão “antes a Si mesmo Se esvaziou”. Sua igualdade com Deus era algo que Ele possuía intrinsecamente; e alguém igual a Deus deve ser Deus. Assim, essa “é uma passagem que demanda a compreensão de que Jesus era divino no mais pleno sentido”.<sup>24</sup>

*Colossenses 2:9*. “Porquanto nEle habita corporalmente [*somatikos*] toda a plenitude [*pleroma*] da Divindade.” O termo grego *pleroma* tem o significado básico de “plenitude”, “plenamente”. No Antigo Testamento ele é aplicado à plenitude da Terra ou do mar (Sal. 24:1; cf. 50:12; 89:11; 96:11; 98:7), que é citada em I Coríntios 10:26. No grego secular, *pleroma* referia-se à totalidade da tripulação de um navio, ou à quantia necessária para completar uma transação financeira. Em *Colossenses 1:19* e *2:9*, Paulo usa



a palavra para descrever a soma total de cada função da divindade.<sup>25</sup>

Essa plenitude habita corporalmente em Cristo, mesmo durante Sua encarnação, Ele reteve todos os atributos essenciais da divindade, embora não os empregasse em benefício próprio. "... Foi claramente visto que a divindade habitava na humanidade, pois através do invólucro terrestre, vez após vez cintilavam lampejos de Sua glória."<sup>26</sup>

*Tito 2:13.* Paulo descreve os santos como "aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus". Notemos que: 1) De acordo com uma regra da gramática grega, o artigo o antes de "Deus" e "Salvador" une esses dois substantivos como designações do mesmo objeto. Assim, Jesus Cristo é "o grande Deus e Salvador". 2) Todo o Novo Testamento aguarda a segunda vinda de Cristo. 3) O contexto do verso 14 fala apenas de Cristo. 4) Essa interpretação está em harmonia com outras passagens, tais como João 20:28; Rom. 9:5; Heb. 1:8; II Ped. 1:1, de modo que esse texto é mais uma afirmação da divindade de Cristo.

*Mateus 3:3.* "... Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor." De acordo com o verso 1, esse

texto de Isaías refere-se a João Batista que era o precursor do Messias. Em Isaías 40:3, a palavra traduzida como "Senhor" é *Yahweh*. Assim, o Senhor cujo caminho João prepararia não era outro senão o próprio Jeová.

*Romanos 10:13.* "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo." O contexto (vs. 6-12) deixa claro que, ao se referir ao "nome do Senhor", Paulo está pensando em Cristo. O texto é uma citação de Joel 2:32, onde novamente a palavra Senhor é tradução do hebraico *Yahweh*.

*Hebreus 1:8 e 9.* "O Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre... por isso Deus, o Teu Deus Te ungiu..." Nesse capítulo, são usados sete textos do Antigo Testamento para apoiar o argumento de que Cristo é superior aos anjos. O quinto texto, citado nos versos 8 e 9, é Sal. 45:6 e 7, onde um rei da casa de Davi é mencionado como "Deus". Seria isto uma hipérbole poética, como algumas vezes é encontrada em cortes orientais, ou está o texto apontando para outra pessoa além do Antigo Testamento, príncipe da casa de Davi?

Para os poetas e profetas hebreus, um príncipe da casa de Davi era o

vice-regente do Deus de Israel; pertencente à dinastia à qual Deus fizera promessas especiais ligadas ao cumprimento de Seu propósito no mundo. Ao lado disso, o que era apenas parcialmente verdadeiro na linhagem e

## Mesmo durante a encarnação, Cristo conservou a plenitude da divindade

no governo histórico de Davi, ou mesmo em sua pessoa, deveria ser compreendido plenamente quando aparecesse o filho de Davi, no qual todas as promessas e ideais associados com a dinastia deveriam ser incorporados. Agora, finalmente, o Messias apareceria. Em sentido pleno, era possível para Davi, ou qualquer dos seus sucessores, que este Messias pudesse ser referido não apenas como Filho de Deus (v. 5), mas como realmente Deus, pois Ele é o Messias da linhagem de Davi, a refulgente glória de Deus e a própria imagem de Sua substância.<sup>27</sup>

Todas essas passagens indicam que Cristo e *Yahweh* são um.

### Autoconsciência de Jesus

Cristo nunca afirmou diretamente Sua divindade, mas dizia ser o Filho de Deus (Mat. 24:36; Luc. 10:22; João 11:4). E, de acordo com a idéia hebraica de filiação, tudo o que o pai é o filho também é. Os judeus entenderam que assim Ele estava reivindicando igualdade com o Pai: "Por isso, os judeus ainda mais procuravam matá-Lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era Seu próprio Pai, fazendo-Se igual a Deus" (João 5:18; cf. 10:33).

Repetidas vezes Cristo disse possuir o que só pertence a Deus. "Ele falou dos anjos de Deus (Luc. 12: 8 e 9; 15:10) como Seus anjos (Mat. 13:41). Referiu-Se ao reino de Deus (Mat. 12:28; 19:14 e 24; 21:31 e 34) e aos eleitos de Deus (Mar. 13:20) como Suas propriedades."<sup>28</sup> Em Lucas 5:20 Jesus perdoou os pecados do parálítico, e os judeus, com base em Isaías 43:25, argumentaram: "Quem pode perdoar pecados senão Deus?" Dessa forma, a ação perdoadora de Jesus O identificava como Deus.

A divindade de Cristo também é indicada no uso que fez do tempo presente em Sua resposta aos judeus: "Antes que Abraão existisse [*genesthai*] Eu sou [*ego eimi*]" (João 8:58). Ao usar o termo *genesthai* –

"nascesse" ou "se tornasse" – e *ego eimi* – "Eu sou" –, Jesus contrasta Sua existência eterna com o início histórico da existência de Abraão. Pelo menos os judeus compreenderam dessa maneira, ou seja, que Jesus reivindicava ser *Yahweh*, o "Eu sou" da sarça ardente (Êxo. 3:14); por isso, apanharam pedras para matá-Lo (João 8:59).

Finalmente, o fato de que Jesus aceitou adoração evidencia que Ele próprio reconhecia Sua divindade. Depois que Jesus apareceu aos discípulos andando sobre as águas, "eles O adoraram" (Mat. 14:33). O cego que teve a visão restaurada, depois de lavar-se no tanque de Siloé, "O adorou" (João 9:38). Após a ressurreição, os discípulos foram para a Galiléia onde Cristo lhes apareceu. E eles "O adoraram" (Mat. 28:17).

Ellen White assegura: "Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. 'Quem tem o Filho tem a vida.' I João 5:12. A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente."<sup>29</sup>

"Falando de Sua preexistência, Cristo conduz a mente através de séculos incontáveis. Afirma-nos que nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus."<sup>30</sup>

## Textos difíceis

Os antitrinitarianos usam alguns textos para apoiar a idéia de que Jesus, em algum tempo na eternidade, foi gerado, isto é, que Ele teve um começo e que não é absolutamente igual a Deus.

*Apocalipse 3:14.* Aqui, Jesus, “a Testemunha fiel e verdadeira”, é mencionado como “o princípio da criação de Deus”, o que leva alguns a interpretar que Ele foi criado em algum ponto no passado, sendo assim a primeira obra de Deus.

Mas a palavra grega traduzida como “princípio” é *arché*. Além de “princípio”, ela também significa “causa primeira ou principal”, “soberano”, “re-

gados, ao representá-los como se fossem seres humanos.”<sup>31</sup>

A personificação do divino atributo da sabedoria começa no capítulo 1: “Grita na rua a sabedoria, nas praças levanta a sua voz” (v. 20). No capítulo 3, é-nos dito que ela “mais preciosa é do que pérolas” e “os seus caminhos são... paz” (vs. 15 e 17). No capítulo 7 ela é chamada “irmã” (7:4); e no capítulo 8, a sabedoria mora junto com a prudência (8:12). Sabedoria personificada também é o tema de Provérbios 9:1-5. Aplicar tais passagens a Cristo exige um modelo alegórico de interpretação que nos leva a métodos incompatíveis com outras passagens. Foi justamente esse tipo

Provérbios 8, ela disse que “Cristo era, essencialmente e no mais alto sentido, Deus. Estava Ele com Deus desde toda a eternidade, Deus sobre todos, bendito para todo o sempre”.<sup>32</sup>

*Colossenses 1:15.* Cristo é “o primogênito de toda a criação”. Considerando que Ele é chamado primogênito (*prototokos*), argumenta-se que deve ter tido um começo. Mas o termo “primogênito”, nesse texto, é um título e não a definição de uma condição biológica. Segundo o verso 16, tudo foi criado por Jesus. Portanto, Ele não poderia criar a Si mesmo.

A palavra “primogênito” tem um significado especial para os hebreus. Em geral, o primogênito era o líder de um

**“Cristo era, essencialmente e no mais alto sentido, Deus. Estava Ele com Deus desde toda a eternidade, Deus sobre todos, bendito para todo o sempre”**

gente”. O próprio Pai também é chamado “princípio”, em *Apoc. 21:6*.

O mesmo título é novamente aplicado a Cristo em *Apoc. 22:13*. Embora a palavra *arché* possa ter um sentido passivo, o que poderia fazer de Jesus o primeiro ser criado, o sentido ativo do termo O torna a “causa principal” o “criador”. Que Jesus não é o primeiro ser criado, mas o próprio criador, é o testemunho de outras passagens do Novo Testamento (*João 1:3; Col. 1:16; Heb. 1:2*).

*Provérbios 8:22-31.* “Eu nasci...” (v. 24). Argumenta-se que esse verso se refere a Jesus, ensinando que Ele foi nascido ou criado. Mas o contexto da passagem fala da sabedoria, não sobre Jesus. A personificação da sabedoria é uma figura literária que ocorre também em outras partes das Escrituras. Em *Salmo 85:10-13*, temos “misericórdia e verdade” encontrando-se, “justiça e paz” se beijando. Em *Salmo 96:12*, “os campos” se alegram, e “todas as árvores dos bosques regozijarão diante do Senhor”. (Ver também *I Crôn. 16:33; Isa. 52:9; Apoc. 20:13 e 14*). Esse tipo de alegoria não deve ser interpretada literalmente. “A personificação é uma figura literária e poética que serve para criar atmosfera e para avivar idéias abstratas e objetos inani-

de hermenêutica que suscitou a rejeição do método alegórico de interpretação pelos reformadores. É importante notar que nenhum verso dessa passagem é citado no Novo Testamento.

*Provérbios 8:22-31* contém imagens poéticas que necessitam ser bem interpretadas. A primeira frase no verso 22 pode ser traduzida como “o Senhor me possuiu”, “o Senhor me criou”, ou “o Senhor me gerou”. O significado básico do verbo *qanah* é “comprar”, “adquirir” e “possuir”. Mas as outras duas traduções são também possíveis. Além de *qanah*, duas outras palavras referem-se à sabedoria nesse texto: *nasak* = “estabelecer” (v. 23) e *chil* = “nacer” (vs. 24 e 25). O pensamento básico é sempre o mesmo, isto é, a sabedoria estava com Deus antes do início da criação. Se Deus a criou, se foi gerada ou simplesmente possuída, não é o foco. O que é central não é o modo de sua origem, mas sua antiguidade e precedência dentro da criação de Deus. Considerando a linguagem poética e metafórica da passagem, ela não deve ser usada para estabelecimento de qualquer doutrina sobre uma suposta origem de Cristo.

Ellen White, às vezes, aplicou homileticamente *Provérbios 8* a Cristo; mas ela usou o texto para apoiar Sua preexistência eterna. Antes de usar

grupo de pessoas ou uma tribo, o sacerdote na família, e o único que recebia a herança duas vezes mais que seus irmãos. Ele tinha certos privilégios e responsabilidades. Algumas vezes, entretanto, o fato de que alguém fosse o primogênito não importava aos olhos de Deus. Por exemplo, embora Davi fosse o filho mais novo, Deus o chamou de “Meu primogênito” (*Sal. 89:20 e 27*). A segunda linha do paralelismo no verso 27 nos diz que isso significava que Davi devia se tornar o rei mais exaltado. Vejamos também as experiências de Jacó (*Gên. 25:25 e 26; Êxo. 4:22*) e Efraim (*Gên. 41:50-22; Jer. 31:9*). Nesses casos, “primeiro”, no sentido de tempo, foi desconsiderado. O importante era apenas a distinção e a dignidade de quem era chamado primogênito. No caso de Jesus, esse termo também se refere à Sua posição exaltada e não a um ponto no tempo no qual Ele tenha sido criado.

Em *Colossenses 1:18*, Cristo é chamado “o primogênito de entre os mortos”, embora não o tenha sido cronologicamente. Sabemos que Moisés e outros O precederam. O sentido é que Ele é o preeminente.

*João 1:1-3.* “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.” Alguns dizem que aqui há uma distinção entre Deus o Pai, que é o

Deus, e Jesus, que é apenas *um* deus. O termo grego para Deus (*theos*) é encontrado com artigo (*ho*), “o Deus”, ou sem artigo, “deus” ou “Deus”. Em João 1:1-3, o Pai é chamado *ho theos* ao passo que o Filho é chamado *theos*. Será que isso justifica a argumentação de que o Pai é Deus Todo-poderoso, enquanto o Filho é apenas um deus menor?

O termo *theos* sem artigo frequentemente também é usado para o Pai, inclusive no mesmo capítulo (João 1:6, 13 e 18; Luc. 2:14; Atos 5:39; I Tess. 2:5; I João 4:12; II João 9).

Jesus também é chamado o Deus (Heb. 1:8 e 9; João 20:28). Em outras palavras, o uso do termo Deus com ou sem artigo não pode ser argumento para se fazer distinção entre Deus o Pai e Deus o Filho. Deus o Pai é *theos* e *ho theos*, assim como o Filho.

Muitas vezes, a ausência do artigo, no idioma grego, denota qualidade especial. Nesse caso, o substantivo não deveria ser traduzido com o artigo indefinido “um”.

Se João tivesse usado o artigo definido cada vez em que aparece *theos*, ele estaria indicando a existência de apenas uma pessoa divina. Mas João 1:1 diz: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o verbo era *theos*.” Caso tivesse usado apenas *ho theos*, deveríamos ler: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com *ho theos*, e o Verbo era *ho theos*.” Segundo João 1:14, o Verbo é Jesus. Portanto, substituindo “Verbo” por “Jesus” temos a sentença “no princípio era Jesus e Jesus estava com *ho theos*, e Jesus era *ho theos*.” *Ho theos* refere-se claramente ao Pai. O texto modificado seria: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com o Pai, e o Verbo era o Pai.” Isso é teologicamente errado. Falando de duas pessoas da Divindade, João não teve escolha senão usar *ho theos* uma vez e, na seguinte vez, usar *theos*. A ausência de artigo no segundo caso não pode ser usada como argumento contra a igualdade entre Pai e Filho.

João 1:14 e 18; 3:16 e 18; I João 4:9. Esses versos falam de Jesus como o Filho unigênito (*monogenes*) do Pai. Em razão disso, algumas pessoas sugerem que a palavra grega *monogenes* indica que Jesus foi gerado literalmente.

A palavra *monogenes* significa “único de uma espécie”. Seu uso ocorre nove vezes no Novo Testa-

mento. Três vezes em Lucas (7:12; 8:42; 9:38) sempre se referindo a um único filho. Nos escritos de João, ela aparece cinco vezes (1:14 e 18; 3:16 e 18; I João 4:9), como uma designação do relacionamento de Cristo com o Pai. Em Hebreus 11:17, ela se refere a Isaque como o filho unigênito de Abraão. Sabemos, entretanto, que Isaque não era o único filho do patriarca. Era o único filho da promessa. A ênfase aqui não é sobre o nascimento, mas sobre a unicidade do filho.

O termo normalmente traduzido como “gerado” é *gennaō*. Ele aparece em Hebreus 1:5 e pode estar se referindo à ressurreição ou à encarnação de Cristo. Na versão Septuaginta, a palavra *monogenes* é a tradução da palavra hebraica *yachid*, cujo significado é “único” ou “amado” (cf. Mar. 1:11, em conexão com o batismo de Jesus).

Não é claro se *monogenes* se refere apenas ao Senhor ressuscitado, histórico, ou também ao Senhor preexistente. Mas é interessante notar que nem João 1:1-14, nem 8:58 e nem o capítulo 17 usam o termo Filho para o Senhor preexistente.

Mateus 14:33. “És Filho de Deus!”. Esse é um título messiânico (Sal. 2:7; Atos 13:33; Heb. 1:5), que enfatiza a deidade de Jesus. Embora seja um dos muitos títulos que possuía, Ele o usava muito raramente para referir-Se a Si mesmo (João 11:4). Na tentativa de compreender quem era Cristo, todos esses títulos necessitam ser investigados para termos um quadro coerente. Que o título “Filho de Deus” salienta a divindade de Jesus é evidente em João 10:29-36. Isso é apoiado posteriormente pelo fato de que o Filho é a exata imagem de Deus,

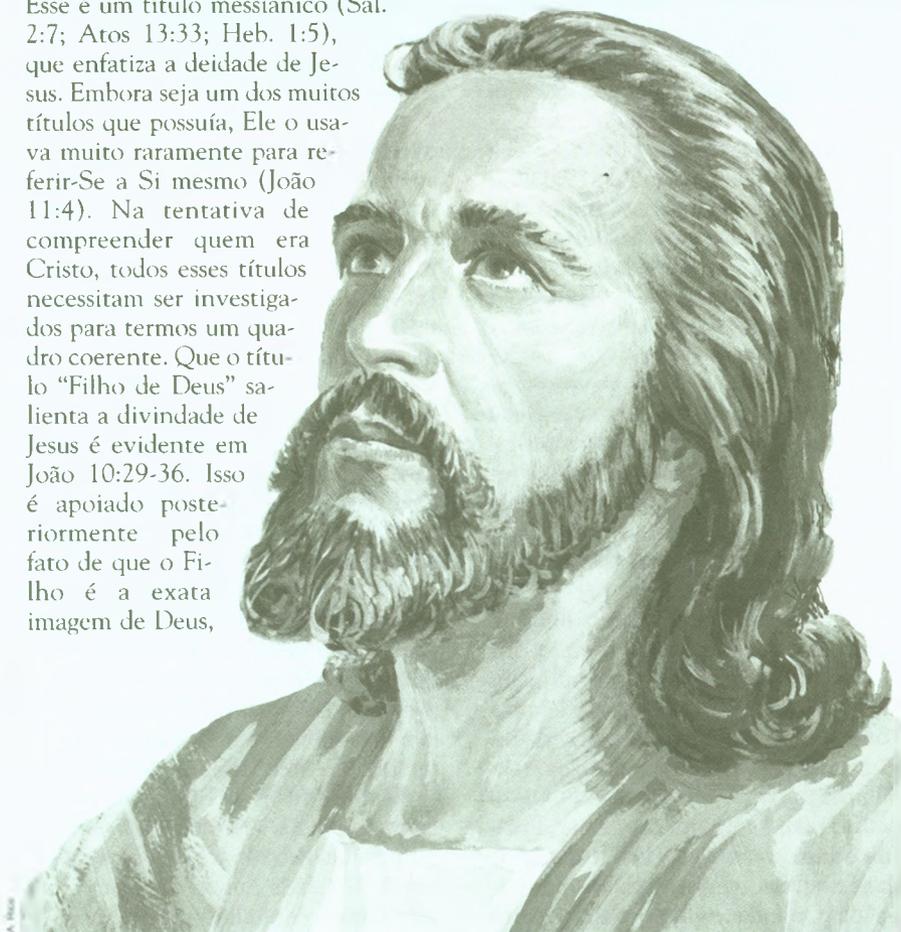
sendo igual ao Pai (Col. 1:15; Heb. 1:3; Filip. 2:6)

A palavra “Filho” tem um amplo significado na linguagem original. Portanto, não é possível reduzi-la aos limites de idiomas modernos, dando-lhe um significado literal. A filiação de Jesus é atestada em conexão com o Seu nascimento (Luc. 1:35), batismo (Luc. 3:22), transfiguração (Luc. 9:35) e ressurreição (Atos 13:32 e 33). A Bíblia silencia quanto a se esses títulos descrevem o eterno relacionamento entre Pai e Filho. Em qualquer caso, as Escrituras atribuem existência eterna a Jesus (Isa. 9:6; Apoc. 1:17 e 18).

Durante a encarnação, Jesus subordinou-Se voluntariamente ao Pai, sendo o Filho de Deus. Isso incluiu a entrega de prerrogativas, mas não a natureza da deidade. O Senhor ressuscitado, ao ser entronizado como Rei e Sacerdote, também aceitou voluntariamente a prioridade do Pai, mas Ele e o Pai são, conforme a Escritura, personalidades iguais e coeternas da Divindade.

## O Espírito Santo

Que o Espírito Santo é uma pessoa divina, igual em substância, poder e





Heiber Pinios

glória com o Pai e o Filho, podemos observar nas Escrituras.

É um Ser pessoal. Alguns crêem que o Espírito Santo é um “poder” ou uma “energia” de Deus. Mas há muitos versos onde o Ele é mencionado junto com o Pai e o Filho (Mat. 28:19; I Cor. 12:4-6; II Cor. 13:14). Isso indica que o Pai e o Filho são pessoas; portanto, o Espírito Santo deve também ser uma pessoa. Frequentemente, o pronome masculino “Ele” é usado em referência ao Espírito Santo (João 14:26; 15:26; 16:13 e 14), embora a palavra grega para Espírito (*pneuma*) seja neutra e não masculina. A palavra “consolador” ou “confortador” (*parakletos*) refere-se a uma pessoa, não a uma força.

O Espírito Santo fala (Atos 8:29), ensina (João 14:26), dá testemunho (João 15:26), intercede por outros (Rom. 8:26 e 27), distribui dons (I Cor. 12:11) e proíbe ou permite certas coisas (Atos 16:6 e 7). De acordo com Efés. 4:30, o Espírito Santo pode também ser entristecido. Essas atividades são características de uma pessoa, não de uma força.

E Deus. As Escrituras vêem o Espírito Santo como Deus. Desde a eternidade de Deus o Espírito Santo participa da Divindade como Seu terceiro

componente. Em Mat. 28:19, os discípulos foram ordenados a batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Esse verso coloca o Espírito Santo em igualdade com o Pai e o Filho. Ao repreender Ananias, Pedro lhe disse que mentindo ao Espírito Santo, ele tinha mentido “não a homens mas a Deus” (Atos 5:3 e 4).

“O Espírito Santo é onipotente. Ele distribui dons espirituais ‘como Lhe apraz, a cada um individualmente’ (I Cor. 12:11). Ele é onipresente; habitará com Seu povo para sempre (João 14:16). Ninguém pode fugir à Sua influência (Sal. 139:7-10). Ele também é onisciente, porque ‘a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus’ e ‘as coisas de Deus ninguém conhece, senão o Espírito de Deus’ (I Cor. 2:10 e 11).”<sup>33</sup>

Ellen White acreditava na personalidade do Espírito Santo: “Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos.”<sup>34</sup>

Vimos então que a Divindade existe em uma pluralidade; que Jesus é Deus, coexistente desde a eternidade com o Pai, e que o Espírito Santo é a terceira pessoa da Divindade. Há muitos outros detalhes sobre o tema, os quais somente no Céu entenderemos plenamente.

Textos difíceis da Bíblia são melhor compreendidos em harmonia com o restante da Escritura. Embora o mistério da Trindade nunca possa ser completamente entendido pelo homem fi-

nito, é uma doutrina bíblica, apoiada por escritos de Ellen White e é uma das 27 crenças fundamentais da Igreja. **M**

#### Referências:

- 1 Fred Allaback, *No Leaders ... No New Gods* (Creal Spring, Ill, 1966), pág. 11.
- 2 *Ibidem*, pág. 15.
- 3 *Ibidem*, pág. 30.
- 4 Bill Stringfellow, *Tue Red Flag Is Waving* (Spencer, TN: Concerned Publications, s/d).
- 5 Rachel Cory-Kuehl, *The Persons of God* (Aggelia Publications, 1966).
- 6 Allen Stump, *The Foundation of Our Faith* (Smyrna Gospel Ministry, s/d).
- 7 Bill Stringfellow, *Op. Cit.*, pág. 15.
- 8 W. Grudem, *Systematic Theology* (Zondervan, 1994), pág. 226.
- 9 Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 615.
- 10 \_\_\_\_\_, *Testimonies For the Church*, vol. 8, pág. 295.
- 11 Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Eerdmans, 1941), pág. 88.
- 12 *Ibidem*, pág. 89.
- 13 Escreveu Ellen White: “Há muitos mistérios que não busco compreender nem explicar; eles são muito elevados para mim e para vocês. Em alguns desses pontos, o silêncio é ouro” (*Manuscrito 14*, pág. 179).
- 14 G. A. F. Knight, *A Biblical Approach to the Doctrine of the Trinity* (Edimburgo, 1953), pág. 20.
- 15 *Ibidem*.
- 16 Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Baker, 1983), vol. 1, pág. 329.
- 17 G. Ch. Aalders, *Genesis* (Zondervan, 1981), pág. 300.
- 18 Millard J. Erickson, *Op. Cit.*, pág. 338.
- 19 Alguns comentaristas acreditam que atrás desta fórmula está a linguagem utilizada para transferência de dinheiro, na era helenista. Desse modo, a fórmula expressa figuradamente que a pessoa batizada é “transferida” para a conta do Senhor e se torna Sua possessão. Outros interpretam “nome” como “autoridade”. Nesse caso, a pessoa é batizada pela autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- 20 W. Grudem, *Op. Cit.*, pág. 320.
- 21 Arthur W. Pink, *Exposition of the Gospel of John* (Zondervan, 1945), pág. 22.
- 22 W. Poehlmann, *Exegetical Dictionary of the New Testament* (Eerdmans, 1981), vol. 2, pág. 443.
- 23 F. F. Bruce, *Philippians*, Hendrickson, 1989), pág. 69.
- 24 Leon Morris, *The Lord from Heaven: A Study of the New Testament Teaching in the Deity and Humanity of Jesus* (Eerdmans, 1958), pág. 74.
- 25 Alguns comentaristas definem *pleroma* em termos do pensamento gnóstico, segundo o qual essa palavra significa uma nova emanção que se tem encarnado no Redentor.
- 26 John Eadie, *Colossians*, Classic Commentary Library (Zondervan, 1957), pág. 145.
- 27 F. F. Bruce, *Hebrews* (Eerdmans, 1964), págs. 19 e 20.
- 28 Millard J. Erickson, *Op. Cit.*, pág. 326.
- 29 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 530.
- 30 \_\_\_\_\_, *Evangelismo*, pág. 615.
- 31 Kenneth T. Aitken, *Proverbs* (Westminster Press, 1986), pág. 85.
- 32 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 247.
- 33 *Seventh-day Adventists Believe* (Hagerstown, 1988), pág. 60.
- 34 Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 616



Ruthven J. Roy

D.Min., consultor para estratégias de Ministérios da Igreja, em Hagerstown, Maryland, Estados Unidos

## Missão

*Um discípulo tem duas obrigações: imitar o mestre e transmitir seus ensinamentos a outras pessoas*

# Nos passos de Jesus

**D**urante séculos, o crescimento do cristianismo tem sido calculado em termos de número de membros de cada igreja. Embora o chamado de Cristo para discipular seja abordado, parece não ter influenciado a Igreja com a abrangência que deveria fazê-lo. Em muitos casos, o discipulado ainda não tem sido a orientação básica tal como foi no primeiro século do cristianismo; e isso tem afetado a efetividade da missão de grandes denominações.

Entretanto, gurus e pesquisadores do assunto concordam em uma coisa: as taxas de crescimento de igreja têm diminuído em muitos países que são influenciados pela cultura pós-moderna, caracterizada por sua desconfiança e deslealdade institucionais, seu pluralismo religioso e seu escancarado individualismo. Muitas igrejas já têm fechado suas portas, outras estão morrendo ou se reestruturando, e ainda outras caminham tropeçadamente, esperando que alguma mudança positiva ocorra. As poucas que se mostram criativas e vigorosas o bastante para enfrentar o desafio da pós-modernidade estão experimentando algum crescimento.

Essa crise em boa parte das igrejas – pouco ou nenhum crescimento, irmandade apática e desleal, assistentes esporádicos aos cultos e aumento da apostasia – tem levado muitos líderes e organizações de volta à mesa de conversação para repensar e discutir estratégias de crescimento e conservação.

Em tempos recentes, a palavra *discipulado* começou a sair dos arquivos da tradição apostólica, como parte de um processo de conversação em muitas igrejas e denominações. No entanto, a palavra ainda é usada muito frouxamente, porque muitas dessas igrejas se tornaram vítimas de estruturas organizacionais rígidas, prescritas por valores tradicionais que estão por trás da orientação dos seus membros. Aliás, para muitas instituições eclesiais, tal orientação foi reduzida à prática de contar cabeças e administrar dinheiro.

Há quem pense que *discipulado* é apenas uma palavra vazia, politicamente correta, girando em torno da comunidade de fé, ao invés de ser o estilo de vida que define essa comunidade. Todavia, é

valioso notar que embora a irmandade da igreja seja um conceito bíblico viável, precisamos estar atentos para não cometermos o erro de pensar que ser membro da igreja signifique automaticamente ser discípulo. Não é assim. Uma pessoa pode ser membro de uma igreja e não ser um discípulo de Jesus Cristo. O dilema de muitas denominações cristãs hoje é que elas possuem poucos membros e ainda menos discípulos.

A condição de membro da igreja deve sempre ser definida e regulada pelo chamado pessoal de Cristo ao discipulado. Ou seja, o propósito do discipulado sempre foi ser a inalterável estrutura modeladora e definidora da vida e prática do crente, sendo a condição de membro o resultado automático. A aceitação do chamado pessoal de Cristo faz de uma pessoa membro do Seu corpo, não apenas de uma estrutura organizacional. O chamado de Cristo ao discipulado não é uma outra opção evangelística para a igreja. Mais do que isso, é o sangue que corre em sua veia; é o seu estilo de vida.

Nós simplesmente não podemos ampliar os limites do reino nem o número dos seus súditos, sem priorizar e abraçar o discipulado. Em muitas congregações, isso requer uma completa mudança de paradigmas do atual pensamento e prática de evangelismo e conservação. Tendo em vista esse ideal, é importante examinarmos o chamado de Cristo a Seus primeiros discípulos.

## Compreendendo o chamado

O chamado ao discipulado é um mandamento: “E disse-lhes: Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens” (Mat. 4:19). Esse chamado não ocorreu em um vácuo. Era uma parte integrante da estratégia do reino de Cristo e forma a inamovível plataforma de crescimento e sustentação desse reino aqui na Terra. O discipulado só pode ser compreendido quando é visto através da janela do reino de Deus. Qualquer outra visão será calamitosamente infrutífera e míope. A verdade mais desconfortável é que, em muitas comunidades de crenças, temos permitido que a visão da Igreja ou denominação obscureça a visão do reino de Deus e, por extensão, o conceito de membro eclipse o chamado de Cristo ao discipulado.

Ao contrário de João Batista, Cristo não veio apenas proclamar a vinda do reino, mas agir em favor do seu estabelecimento. No capítulo 4 de Mateus, encontramos o Mestre “caminhando junto ao mar da Galiléia” (v. 18). Isso não era simplesmente um passeio casual, mas uma estratégia de

missão e busca do reino. A caminhada junto ao mar era um passo intencional do estabelecimento do reino, através do chamado aos primeiros discípulos.

É interessante notar que esse ato de Jesus era oposto à tradição rabínica, a qual requeria que o discípulo em perspectiva buscasse o mestre de sua escolha e lhe pedisse uma oportunidade para sentar-se aos seus pés como aluno. Mas Cristo era um rabi diferente. E com Seu gesto exemplar, Ele deu uma lição prática de um princípio fundamental do reino: “E quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mat. 20:27).

## Convite pessoal

Antes e acima de tudo, o chamado de Cristo é direto e pessoal: “Segue-Me!”, disse Ele a Mateus (Mat. 9:9). Esse chamado não pode ser bloqueado nem sofrer limites. Não pode ser abrogado por qualquer mandato executivo denominacional ou eclesial. Nenhum crente nascido de novo pode escapar a ele. Não é um dever transferível devido a preferências pessoais, nem é escusável em virtude de alguma outra obrigação mais elevada.

A primeira vista, “Segue-Me” pode parecer simplista, rudimentar e não estratégico. Mas, através de um exame mais profundo, descobrimos que esse convite contém a poderosa semente do crescimento exponencial e a sustentação do reino de Deus. “Segue-Me” implica mais do que simplesmente “venha após Mim”. É um chamado para imitar o Mestre em palavras e obras. Demanda ser quem Jesus era e

fazer o que Ele fazia. Um verdadeiro discípulo tem apenas duas obrigações: tornar-se como o seu mestre; e transmitir os ensinamentos e estilo de vida desse mestre a outras pessoas.

Com esse convite simples, Cristo estava estabelecendo o princípio fundamental para o crescimento do Seu reino. É o chamado princípio de *auto-duplicação*, e é poderoso. Muitas vezes Ele repetiu esse princípio “Segue-Me” (Mat. 8:22; Mar. 2:14; Luc. 5:27; João 1:43 e 21:29). Através desse processo, de reprodução de discípulos, Cristo tentava estender-Se e ampliar Sua influência em uma infundável rede que deveria produzir mais e mais discípulos para o reino de Deus.

## Transformação poderosa

O chamado ao discipulado não é apenas pessoal, mas é poderoso. É apoiado e garantido pela promessa de Jesus: “... e Eu vos farei pescadores de homens” (Mat. 4:19). Quem ou o que uma pessoa é, antes do chamado de Cristo, não importa ao Mestre. Todos os acessórios e realizações humanos, limitações e fraquezas, dissipam-se na presença e sob o poder do “Eu vos farei...”.

Pensemos quão insignificante era o grupo que Cristo escolheu para formar o núcleo de Sua campanha em favor do reino. Seus antecedentes, caracteres e personalidades eram tão diversos e discordantes que aqueles homens representavam uma fórmula perfeita para o fracasso. Talvez nenhum deles fosse aprovado no teste ou qualificado para unir-se a qualquer comunidade cristã hoje. Mas, de todo modo, Cristo os escolheu. Sob Sua tutela paciente e capacitadora, aqueles homens, exceto Judas, emergiram para se tornarem progenitores espirituais da Igreja cristã.

Bill Hull corretamente afirma que “Jesus vê Seus seguidores por aquilo que eles serão, e não pelo que são no campo espiritual. Todos são candidatos a alguma coisa, e não há exceções. Independente do que possamos ver, pró ou contra, em uma pessoa, há muito mais que enche os olhos, coisas que só Deus entende”.



## Ocupação produtiva

O chamado de Cristo tem um propósito último em vista, ou seja, pescar pessoas. É muito importante compreender que a força motriz e a ênfase do discipulado não residem na pescaria, mas no ato de seguir. Pescar indivíduos que ainda não foram salvos é sempre o resultado inevitável de seguir a Jesus, porque isso é gerado pelo poder do Mestre através do Espírito Santo. O Senhor promete que se O seguirmos, Ele nos fará pescadores de homens. E não existe possibilidade de falha nessa promessa, porque Ele mesmo é o responsável pelo resultado da pescaria.

Esse fato nos leva a uma conclusão irrefutável: Já que pescar é o resultado inevitável de seguirmos a Jesus, também é o grande teste do relacionamento de uma pessoa com Ele. Em outras palavras, se eu não sou um pescador de homens, não sou um verdadeiro discípulo ou seguidor de Cristo. Posso estar seguindo a alguém ou alguma coisa – um líder religioso, um sistema, uma organização ou denominação – mas, certamente, não estou seguindo a Jesus de Nazaré. Ele mesmo disse que a produção de frutos (fazer discípulos, conforme João 15:16) é o teste do verdadeiro discipulado (João 15:8).

## Pescando sem seguir

Mas existem aqueles que podem estar pescando sem seguir a Jesus. Afinal, pescar é mais fácil do que seguir. No entanto isso é ilusório e bastante perigoso. Uma pessoa pode gastar a vida inteira pescando – tal como os discípulos que pescaram durante uma noite e nada apanharam (Luc. 5) – e, no final, ouvir as palavras do Mestre: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim” (Mat. 7:23).

Considere alguns prejuízos e ciladas do ato de pescar sem seguir:

1. A tendência de focalizar sobre o peixe ou a pesca. Isso frequentemente leva a uma auto-imagem inflada, aquela atitude de “sou melhor do que você”, da parte do pescador. Aí a visão de Cristo e Seu chamado normalmente é colocada em um plano secundário, ou é totalmente descartada.

2. Alimentar a preocupação de tentar “limpar” o peixe antes que ele seja apanhado. Essa atitude pode ser vista no hábito de se erguer barreiras legalistas entre Cristo e os pecadores que tentam chegar a Ele.

3. Tentar separar os peixes bons dos maus no barco (a igreja).

4. Direcionar a atenção a um gru-

po especial de peixes, em detrimento de outros.

5. Substituir Cristo pelo eu. Nesse processo, um homem sempre aparece como responsável pelos resultados da pescaria. É em tal cenário que o sucesso é medido pela habilidade (ou a sua falta) para fisgar um grande número de peixes. E essa avaliação pode ser aplicada no âmbito pessoal, corporativo ou denominacional.

6. Enfatizar o número de peixes conseguido, mas não o cuidado dispensado a eles.

Quando seguimos a Cristo, aprendemos a pescar como Ele o fez. Trabalharemos por todos os tipos de pessoas, independente de sua orientação, estilo de vida, sua cultura ou raça, usando diferentes meios, métodos e situações (iscas, equipamentos e instrumentos de pesca) para alcançar as pessoas onde elas se encontram.

Os peixes não precisam ser de acordo com o tamanho ou o modelo do nosso barco, nem às nossas atitudes e preferências como pescadores. O que deve ser nosso interesse é fazer ajustes estratégicos para uma boa pescaria. Ademais, os peixes não têm todos o mesmo tamanho nem a mesma forma; muito menos partilham o mesmo habitat nem a mesma comida.

Cristo encontra as pessoas em seu próprio terreno e lhes possibilita, independente de sua vida e prática, acesso irrestrito, desimpedido, a Ele. Seus verdadeiros seguidores farão o mesmo. Devemos cooperar com Ele no trabalho de alcançar as pessoas, mas ao final Ele Se reserva o direito exclusivo de limpá-las.

## Chamado superior

O chamado de Cristo é para discipularmos, não apenas ser membros ou líderes da igreja. É um chamado para servir, não para ser servido. Esse chamado não deve ser substituído ou suplantado pelo chamado de uma Igreja, denominação, ou qualquer outra instituição. Um chamado enunciado por tais entidades será autenticado pelo Céu, somente se a ele for atribuída a extensão de um chamado feito pelo Mestre.

O corpo só faz o chamado porque a

Cabeça o dirige. Embora o discipulado e o ato de ser membro de uma igreja não sejam mutuamente exclusivos, as duas coisas denotam duas experiências distintas. A adesão a uma igreja revela um senso de comunidade e pertinência, mas o discipulado comunica um senso de missão e propósito. A missão de Cristo no mundo é estabelecer o reino de Deus, chamando indivíduos para esse serviço. E a natureza do Seu chamado é que ele é pessoal, poderoso e produtivo. Por isso é importante que Lhe respondamos apropriadamente. Não nos esqueçamos: É um chamado para segui-Lo e ser Seu discípulo.

Intimamente ligado à pessoa do discipulado está o processo do discipula-

# O chamado de Cristo ao discipulado não é outra opção evangelística para a igreja. É o seu estilo de vida

do. É isso o que torna o discípulo aquilo que ele supõe ser. Discipulado é um compromisso para toda a vida, e um processo de fazer discípulos como o discipulador maior – Cristo Jesus – por preceito e exemplo. Isso envolve ser como o Mestre no ministério público e na disciplina privada: em solidão, quietude, oração, jejum, benevolência e meditação.<sup>2</sup> Todo crente é chamado a essa experiência, bem como a estender esse convite a outros.

Ellen White lembra que “Aquele que chamou os pescadores da Galiléia, chama ainda homens ao Seu serviço. E está tão disposto a manifestar por nosso intermédio o Seu poder, como por meio dos primeiros discípulos. Imperfeitos e pecadores como possamos ser, o Senhor estende-nos o oferecimento da comunhão com Ele, do aprendizado com Cristo. Convida-nos a colocar-nos sob as instruções divinas, para que, unindo-nos a Cristo, possamos realizar as obras de Deus”.<sup>3</sup> **M**

### Referências:

- 1 Bill Hull, *Jesus Christ Disciple Maker* (Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1994), pág. 20.
- 2 Dallas Willard, *The Spirits of the Disciplines* (New York: HarperCollins Publishing, 1991).
- 3 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 297.



Divulgação

**Flávio Vieira  
de Queiroz**

Pastor em Medina,  
Associação Mineira  
Leste, Brasil

## Liderança

*O tempo  
é breve e solene.  
Não temos  
o direito de  
ser banais.  
Deus merece  
o nosso melhor*

# Conselhos inesquecíveis

Lembro-me bem. Estava no seminário, concluindo o período de formação pastoral, aguardando um chamado, orando e buscando uma companheira com quem pudesse partilhar as emoções e comoções da vida pessoal e ministerial. Durante aquele período, além das aulas corriqueiras, recebíamos visitas de líderes e pastores experientes que, através de palestras e sermões, nos transmitiam conselhos dignos de atenção. Afinal, como diz o sábio, “onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros, há bom êxito” (Prov. 15:22). E mais: “Ouve o conselho e recebe a instrução, para que sejas sábio nos teus dias por vir” (Prov. 19:20).

Mas dentre todos aqueles visitantes, houve um que me impressionou de modo muito especial. Lembro-me de tê-lo visto sorrir e chorar, enquanto descrevia sua experiência pastoral, imprimindo em minha mente imagens indeléveis de fervor e emoção. “Querem saber o que a igreja espera de um pastor?”, perguntou a certa altura o visitante. Em seguida passou a nos contar um episódio vivenciado por ele, na época em que fora presidente de Campo. A igreja cen-

tral de uma capital ficou sem pastor. Foi então que ele recebeu um grupo de doze anciãos que lhe entregaram uma carta contendo oito sugestões, para ajudá-lo na escolha do futuro líder.

A carta foi guardada, e o nosso visitante a leu para nós, solicitando-nos que anotássemos os oito pontos mencionados. Às vésperas da formatura e prestes a sair a fim de colocar a teoria em prática, entendi que aqueles conselhos não poderiam ter chegado em hora melhor.

Vivemos em tempos difíceis, quando o questionamento à liderança parece estar na ordem do dia. E, como pastores, faremos bem em corresponder às expectativas de nossas igrejas, antecipando suas reivindicações, para que Deus seja honrado através do nosso trabalho, e tendo em vista o bem-estar daqueles que Ele confiou ao nosso cuidado pastoral.

Aqui estão as oito sugestões daquela carta. São práticas, oportunas e pertinentes:

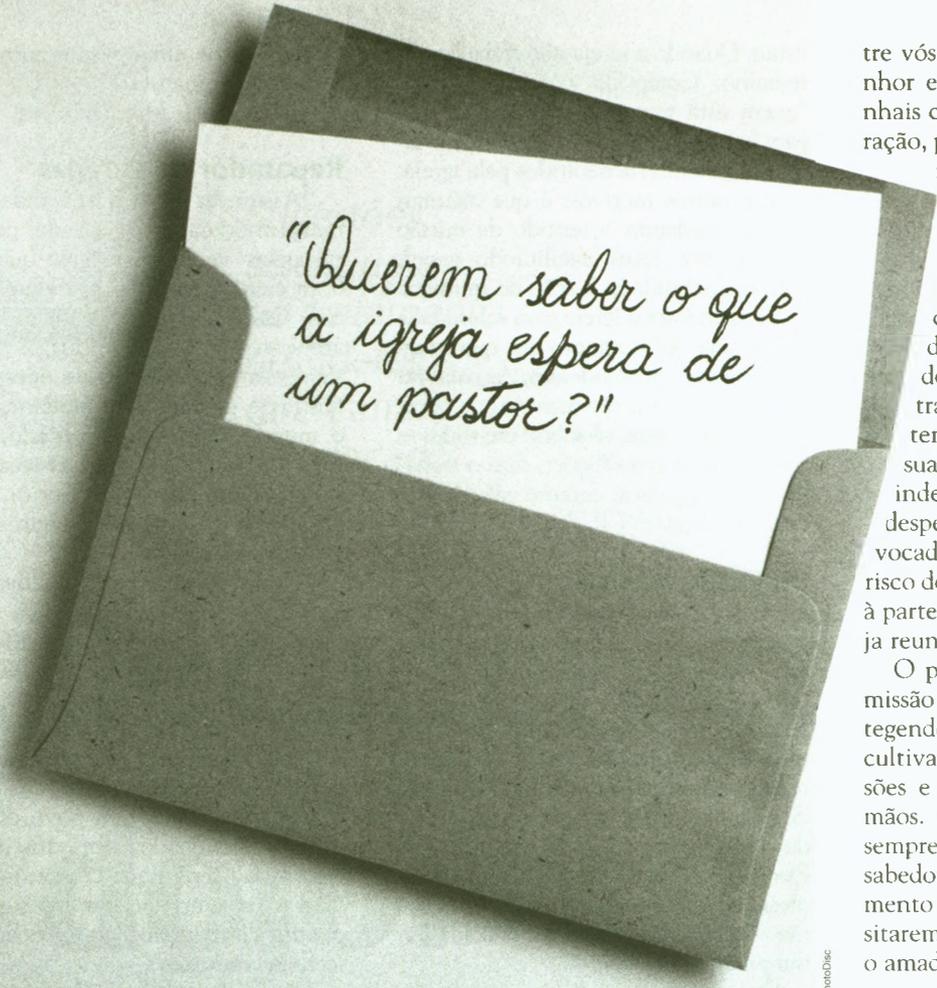
### **Empenho na solução de problemas**

Não existe pastorado sem problemas, seja ele exercido em comunidades simples ou sofisticadas. Todas as igrejas

enfrentam suas lutas, de matizes variados, mas invariavelmente da mesma essência. O nível cultural, social e econômico das pessoas varia, mas as necessidades do coração humano são sempre iguais. Onde há pecadores, há problemas, embora preferíssemos nunca ter de enfrentá-los. E às vezes tentamos até fugir deles.

A igreja sabe que não somos super-homens, e nem espera que resolvamos todas as situações num piscar de olhos, do dia para a noite. Mas ela percebe a morosidade, a tentativa de adiar decisões até uma eventual transferência. Há situações incômodas que se arrastam durante anos, sem que alguém se dispusesse a encará-las. Aquele que sente a responsabilidade do chamado de Deus é ousado e não recua diante dos problemas.

Além de uma sólida comunhão com Deus, que nos transmite sabedoria, coragem, poder e autoridade para lidar com situações complicadas, é necessário trabalhar com os problemas tão logo eles apareçam. A procrastinação faz com que eles se tornem crônicos, difíceis de ser resolvidos e, às vezes, até insolúveis. Nosso



"Querem saber o que a igreja espera de um pastor?"

tre vós, e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros" (1 Tess. 5:12 e 13).

### Apreço pela comissão

Quem de nós nunca concluiu uma reunião da comissão da igreja frustrado com o rumo e desfecho de algum assunto ali tratado? Quem nunca se sentiu tentado a "tomar as rédeas" em suas próprias mãos e agir sozinho, independente da comissão? Mas a despeito de todas as decisões equivocadas, jamais podemos incorrer no risco de agir sozinhos, como ditadores, à parte da comissão e do voto da igreja reunida em assembléia.

O pastor que trabalha junto à comissão da igreja está, na verdade, protegendo o seu ministério. Precisamos cultivar a humildade, respeitar decisões e buscar o apoio dos nossos irmãos. Certamente o conquistaremos sempre que agirmos com sobriedade e sabedoria, cultivando um relacionamento saudável. Algumas vezes necessitaremos ser realistas e dar tempo para o amadurecimento de certas decisões.

### Administração compartilhada

A igreja não espera que tomemos a frente de todos os departamentos, em todas as congregações, para fazê-los funcionar. Evidentemente, isso até seria humanamente impossível. Se a coordenação de vários departamentos por uma só pessoa já é difícil, como seria se o pastor tivesse de fazer isso em cinco, dez ou mais congregações? A palavra-chave aqui é delegação. A igreja sabe que não somos onipotentes nem onipresentes, embora perceba quando somos descuidados.

Para fazermos funcionar todos os departamentos em nossas igrejas, necessitamos somente aprender a delegar atividades, avaliar freqüentemente, corrigir pontos falhos, supervisionar, monitorar, colocar pessoas certas no lugares certos e treiná-las. Além disso, devemos apoiá-las no desempenho de suas funções, oferecendo-lhes material e condições para o trabalho. Se formos descuidados nesse ponto, preocupando-nos apenas com aquelas áreas com as quais mais nos identificamos, a congregação refletirá essa atitude. Talvez desenvolva unilateralmente algumas áreas, ao passo que outras certamente definharão.

Mestre nunca passou por alto os problemas com que teve de tratar. Enfrentou-os com sabedoria, bondade, poder e autoridade. Paulo tratou corajosamente os problemas das igrejas de seu tempo. Em Corinto, por exemplo, ele encontrou uma igreja extremamente difícil, mas cuidou de todas as dificuldades com amor e firmeza. Estava, portanto, autorizado a exortar o jovem Timóteo nos seguintes termos: "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (II Tim. 1:7). Isso ainda é válido para os pastores do século 21.

### Valorização dos colaboradores

No emaranhado complexo das relações humanas, possivelmente não exista nada mais difícil do que liderar pessoas. Às vezes isso tenta a vaidade existente em cada um de nós. Pode acontecer até de ficarmos enciumados pelo fato de haver líderes mais experientes, conhecedores da realidade local, competentes e talentosos. Caso não nos vigiemos, poderemos nos surpreender

trabalhando isolados e até indo de encontro aos nossos colaboradores.

A igreja não exige que sejamos os melhores, nem espera que sejamos sobrenaturais. No entanto, espera humildade da nossa parte. Espera ouvir o nosso reconhecimento pelo esforço, dedicação e sacrifício que faz pela Causa de Deus. Mas, se traídos por sentimentos inconscientes ou conscientes, só tivermos olhos para os defeitos ou para vermos o que nossos irmãos fazem por mera obrigação, nosso ministério e nossos relacionamentos serão áridos e frios.

Uma palavra de elogio e reconhecimento não é pecado e não faz mal a ninguém. Bajulação, sim, é um erro. Precisamos descer do pedestal que erigimos, olhar nos olhos dos nossos irmãos e tratá-los com amor cristão, respeito e a importância que têm para o andamento da igreja. Muitos dão a vida, literalmente, pela Causa. Sacrificam-se, a fim de vê-la prosperar. O conselho de Paulo é para nós também: "Agora, vos rogamos, irmãos, que acaiteis com apreço os que trabalham en-

## Inspiração para a juventude

Segundo as estatísticas, 70% dos membros são jovens ou adultos jovens. Isso representa um notável desafio para a liderança denominacional em todos os níveis. O que fazer para mobilizar tamanho exército e direcionar sua força para o cumprimento da missão? Para a igreja local, os jovens constituem o foco de atenção especial, mas também significam um grande potencial que pode ser utilizado no trabalho. Mesmo lutando com problemas típicos desta fase da vida, eles nos maravilham com seus talentos e criatividade.

Nossa maneira de tratar com os jovens contribuirá decisivamente para o seu crescimento espiritual. Se os consideramos apenas problemáticos, difíceis, ou algo semelhante, não conseguiremos chegar ao seu coração. Mas se tivermos empatia em relação a eles, calçarmos os seus sapatos e nos concentrarmos no potencial de bênçãos que eles representam para a igreja, podemos juntos experimentar muitas conquistas.

Conduzir a força jovem da igreja à consagração, ao entusiasmo e à ação torna-se um grande desafio para nós nestes dias especiais. Mas o Senhor nos dará graça, sabedoria e orientação para cumprir essa tarefa.

## Pastor evangelista

Algo que até certo ponto me surpreendeu, na apresentação do nosso visitante, foi o fato de a igreja desejar um pastor que a impulsionasse, por preceito e exemplo, à missão evangelizadora. Digo isso porque durante um tempo achei que a igreja sentia-se “pressionada” pelos pastores, departamentais e administradores, a atingir metas batismais. Entretanto, ao iniciar minha carreira pastoral, confirmei a realidade daquela sugestão, com raríssimas exceções. A grande verdade é que os nossos irmãos se alegram com o crescimento da comunidade cristã. Para eles, assim como para nós, é frustrante chegar ao final do ano e não ver novos súditos acrescentados ao reino de Deus.

A igreja se alegra em identificar no pastor o espírito de evangelismo, zelo e paixão em conduzir perdidos a Cristo. Esta é uma igreja comprometida com a missão; portanto, uma igreja que floresce, vibrante, consciente de que sem a missão, ela se torna um clube religioso que naufragará no mar do instituciona-

lismo. Quando a igreja não trabalha, dá trabalho. Como diz o velho adágio, “quem está remando não tem tempo para balançar o barco”. A causa de muitos ataques internos sofridos pela igreja, dentre outros motivos, é que algumas pessoas perderam o sentido da missão deixada por Jesus, facilitando assim, com sua ociosidade, a ação do inimigo.

Despertemos a igreja para solenidade e urgência do momento em que vivemos. Não nos acomodemos. As palavras do apóstolo Paulo são mais do que oportunas: “Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (II Tim. 4:5).

## Pregação bíblica

A qualidade do púlpito tem sido discutida em todos os ramos do cristianismo. Tem-se pregado a respeito de muitas coisas: material tirado da Internet, artigos de revistas, notícias de jornais e televisão, e outras fontes. Possivelmente algo disso tudo sirva como ilustração de uma mensagem, mas nada existe que deva substituir a pregação da Palavra de Deus. Em muitos sermões a Bíblia simplesmente não é aberta, ou é aplicada tão superficialmente que é deixada em um plano inferior.

O populismo no púlpito é um grande mal em nossos dias, com mensagens que apresentam uma graça barata, sem compromisso, um estragado cobertor para o pecado, sem esperança de transformação. Há mensagens que enfatizam promessas de curas, milagres e prosperidade material, como se a vida cristã fosse isenta de provas, ou como se estas não desempenhassem o papel de obreiras nas mãos de Deus para o fortalecimento da fé e do caráter. Temos que ser mensageiros de uma esperança fundamentada no “assim diz o Senhor”.

Não é nosso dever formar uma igreja acomodada, materialista e sem desejo pelas coisas eternas. Estamos preparando um povo para o encontro com o Senhor. E se apenas nos ocuparmos em satisfazer-lhe os desejos naturais, estaremos contribuindo para sua ruína eterna. Precisamos da coragem e do amor de Cristo. Com bondade, sinceridade e seguindo os métodos de Jesus, não podemos nos calar. Como dizem os autores London e Wieseman, “chegou o tempo de se falar a respeito das mais profundas necessidades dos seres humanos e da sociedade secularizada, com

serenidade de alma e com autoridade bíblica sobrenatural”. – *Despertando Para um Grande Ministério*, pág. 67.

## Reparador de veredas

“Assim diz o Senhor: Ponde-vos à margem do caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso” (Jer. 6:16). Prestar atenção nas veredas antigas não é saudosismo inócua, pois apesar das muitas e assombrosas mudanças que o mundo tem experimentado, Deus não mudou. É santo, merecedor de reverência, digno de honra. Seus princípios e doutrinas devem ser vistos e defendidos.

Ao considerarmos as veredas antigas, é inevitável a lembrança do espírito de dedicação e sacrifício, a vida de oração e o apego à Bíblia, o zelo e o esforço que caracterizaram os nossos pioneiros. É preciso manter, ou resgatar, caso tenham sido derribados, esses marcos em nosso ministério. Somos um povo grandemente abençoado, uma instituição forte, uma Igreja que cresce; mas devemos manter o olhar no supremo doador das bênçãos, ao invés de fixá-lo nelas mesmas.

Não podemos descuidar a nossa liturgia, a reverência no culto e no ambiente onde ele é realizado. Algumas de nossas reuniões mais se parecem ajuntamentos seculares, *shows*, onde orador e cantores aparecem como astros; o mensageiro ocupa o lugar da mensagem e Deus não é glorificado.

Outro anseio da igreja é o de proteção. Nunca foi ela tão criticada; nunca suas doutrinas foram tão duramente questionadas. Precisamos unir-nos e, no poder do Espírito Santo, lutar em sua defesa. Não percamos tempo nem energia com coisas insignificantes. O tempo é breve e solene. Não temos o direito de ser banais, fúteis. Deus e Sua Igreja merecem o melhor de tudo o que somos e temos.

Estamos vivendo os últimos dias da História. É nosso dever zelar pelo rebanho do Senhor. Trabalhemos com amor, desprendimento, zelo e fé; confiantes de que, no Senhor, nosso trabalho não é vão. E que no grande dia de Deus, possamos repetir as palavras de Cristo, o Supremo Pastor: “Quando Eu estava com eles, guardava-os no Teu nome, que Me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu...” (João 17:12). **M**



Miroslav Kis

Ph.D., professor de ética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

## Ética

*Sugestões que ajudam no tratamento de líderes que caíram em pecado sexual*

# Recuperação dolorosa

Já faz algum tempo, estamos analisando conceitos bíblicos sobre o pastorado, a sexualidade e a natureza do pecado sexual. Mencionamos exemplos bíblicos para tratamento da infidelidade e das feridas causadas às vítimas de tal comportamento. Agora focalizaremos sobre as respostas mais prudentes a esse tipo de pecado. O envolvimento sexual com paroquianos é quebra do código de ética, prejuízo ao ministério cristão, um golpe no poder do evangelho, um escândalo e uma profunda injúria às vítimas inocentes. Ele intimida até os mais experientes na vida cristã. E não há saída fácil para a situação, embora busquemos alguns atalhos enumerados a seguir:

1. *O jogo da condenação.* Aqui, a grande preocupação é simplesmente aplicar a penalidade, sem tratar do sofrimento, do temor, da vergonha ou da culpa. E embora aparentemente esse seja o caminho menos incômodo para a igreja, é o mais doloroso para o caído e, certamente, também para o Senhor.

2. *O jogo da avestruz.* Em tais assuntos, a indecisão é sempre uma decisão.

Ignorar as conseqüências do pecado e sua recorrência, as causas da infidelidade, ou esquecer as vítimas, encoraja o transgressor e pune o inocente.

3. *O jogo dos padrões.* Às vezes suavizamos os requerimentos do evangelho e agimos por conveniência. O padrão bíblico torna-se um ideal remoto de Deus, irrelevante para a vida real. Os procedimentos administrativos e o estilo de vida tornam-se divorciados da verdade professada. E uma questão permanece: É a teologia um ideal remoto ou real? A infidelidade requer cura, mas o amor curativo é sofrido e baseado em princípios.

4. *O jogo da "primeira pedra".* Em João 8:7, Jesus desafia os acusadores da mulher flagrada em adultério: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra." Nesse jogo, a questão é posta no seguinte plano: Se todos nós temos pensamentos impuros, como podemos condenar outros? Com tal argumento, muitos recuam ao terem que aplicar disciplina. Mas o Mestre dá a tarefa básica: "... Se de alguns perdoardes os pecados, são-

lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos" (João 20:22 e 23). Não há como fugir a esse dever. A autoridade da Igreja está baseada na ordem do Mestre, Seus padrões, Seu cuidado infalível e Seu poder para restaurar.

5. *O jogo do "pessoal e privado".* Seguir os passos para reconciliar e perdoar, conforme Mateus 18, é um bom caminho, mas Grenz e Bell apontam alguns cuidados. Primeiro, nessa passagem Jesus fala de questões privadas, pessoais. Ele "nos instrui como deveríamos agir quando nos sentimos pessoalmente ofendidos por outra pessoa. Pecado sexual de um clérigo, entretanto, não é apenas um assunto privado, embora inclua uma dimensão pessoal". Segundo, em Mateus 18, Jesus fala de duas pessoas que se relacionam no mesmo nível. Esse não é o caso quando um pastor está envolvido.

Terceiro, "requerer que uma vítima confronte seu ofensor como primeiro passo, talvez conspire contra o desejo de Cristo, no sentido de que a justiça seja feita".<sup>1</sup> A vítima pode ter dificulda-

des em confrontar o acusado, ou sentir-se pressionada a minimizar os fatos.

Curar o ferido e proteger o fraco é tarefa da igreja. E embora o perdão seja fundamental no relacionamento de Deus, e nosso, com qualquer pecador, em seu processo de restauração, requer que consideremos a comissão de João 20:23. Ela põe a resposta amorosa da igreja nos limites do perdão ou da retenção do pecado.

## Amor não é permissividade nem condenação. Ele ajuda o pecador a enfrentar as conseqüências dos seus maus atos, a superá-los e a buscar a graça de Deus

### Amor e sofrimento

Quando acontece um pecado sexual, a tragédia é imensa. O coração sangra, a respiração falha, o temor e a perplexidade abafam as lágrimas, e o rosto se contorce de dor e vergonha. A pergunta: “Posso ajudar?” freqüentemente é respondida com: “Não, obrigado.” Mas se você é um amigo, esteja disponível (Prov. 17:17). Ore como nunca dantes. Todos os seus gestos, passos e atitudes contam muito agora.

No primeiro estágio, a cooperação íntima entre a igreja local e o Campo é essencial. As duas instâncias são afetadas pela tragédia, e administrarão a disciplina, lembrando que o verdadeiro amor não age só depois da disciplina.

Avalie os danos e necessidades. Não há dois casos iguais de adultério. Cada pessoa reagirá diferente e as necessidades variam. Focalize seu cuidado sobre a reação mais dolorosa e traumática. Envolver um profissional especializado tão logo seja preciso. Ouça, observe, encoraje, chore, suporte as explosões de ira, empatize com o temor, partilhe a vergonha. As crianças necessitam brincar e rir, comer, ouvir uma história, ir para a escola. A casa precisa de cuidados. Esteja presente, enquanto durar a necessidade. Aja com extrema confidencialidade.

O encarregado de iniciar o processo de ouvir deve estar acompanhado de

outra pessoa do sexo oposto, para facilitar o diálogo com as partes, evitar intimidações e descontrole. Se a acusação parte da “outra mulher”, é aconselhável ter em mente suas preocupações: “Serei ouvida? Serei acreditada? Não me culpar? De que lado se posicionarão?” O entrevistador, por mais abalado que esteja com a acusação, não deve “rejeitar o mensageiro”.<sup>2</sup> Avalie a queixa e o queixoso: “Seriam verdadeiras as acusações? Podemos crer nesta pessoa? Ela é estável? Tem problemas com sua sexualidade?”<sup>3</sup> É irresponsável, ou vítima?

A mesma pessoa que ouviu a acusação deve ouvir o acusado. É muito importante que ela tenha maturidade emocional. Se for culpado, o acusado terá tido tempo de preparar sua resposta. Mas “se ele é um predador sexual,

poderá usar todos os meios à sua disposição para desviar-se e intimidar, ou até hostilizar quem estiver questionando sua integridade”.<sup>4</sup> No caso de um momentâneo desvio, ele admitirá o ocorrido, pedirá perdão e prometerá não mais repetir o ato. E, no entusiasmo do momento, a tendência será encerrar o caso, mas nem sempre isso significa “fazer justiça ou exercer corretamente a misericórdia”.<sup>5</sup>

Quando a queixa não parte dos protagonistas, o denunciante deveria ser ouvido sozinho e ter suas evidências examinadas. Sendo estas confiáveis, seguem-se a confrontação com a mulher, primeiro, e então com o acusado. Todas as informações devem ser transmitidas ao entrevistador. Se as evidências não forem sustentáveis, a igreja deveria tomar alguma medida contra o malicioso denunciante, ao mesmo tempo em que avalia o relacionamento entre os envolvidos, a fim de que não reste nenhum rumor quanto à conduta de ambos.

Para a investigação do assunto, pode-se formar uma comissão, que trabalhará com todas as informações prestadas por quem acusa e pelo acusado. Uma acusação de adultério, potencialmente crível, contra um pastor é algo muito sério, que pode requerer seu afastamento temporário até que tudo esteja esclarecido, se-

gundo a determinação do Campo. Em virtude da complexidade e seriedade do assunto, a Igreja poderia contratar um consultor experiente em questões sexuais e suas implicações legais, e que ao mesmo tempo lhe fosse familiar.<sup>6</sup>

### Amor curativo

Neste ponto, os dados colhidos podem levar a muitas direções. No caso de uma ofensa menor, como um assédio, o indivíduo deveria ficar sob observação ou disciplina. Seu arrependimento e boa vontade para corrigir sua atitude e redirecionar seus relacionamentos dão esperança de recuperação, que pode ser mais demorada para a esposa do acusado e o marido da outra mulher. Mas quando a acusação de adultério é confirmada, a igreja local e a comissão diretiva do Campo devem seguir a orientação bíblica sobre o assunto.

Porém, amor curativo não significa permissividade romântica nem fria condenação. É uma experiência difícil, o tipo mais exigente de terapia. Ele pode tomar a forma de uma bondade mais difícil. Procura capacitar o pecador a apropriar-se da graça de Deus, a gerenciar as conseqüências, a superar maus hábitos e a tornar-se um homem salvo.<sup>7</sup>

Confirmado o adultério, seguem-se o afastamento do pastor e a suspensão da sua credencial. Ele mesmo pode solicitar isso. Algumas razões explicam esse curso de ação: Primeiramente, a verdadeira paz mental nasce apenas da conscientização de que tudo é feito, em todo o tempo e com todas as forças, para reparar o erro passado. Uma pessoa honesta não pode fazer menos.

Reconstruir a inocência conjugal do pastor é outra tarefa monumental. Sua esposa confiava nele, sacrificou-se por ele, deu mais do que podia de si mesma para que ele pudesse dedicar-se ao seu chamado; até descobrir que ele estava em aliança com outra mulher e com o inimigo das almas e de seu casamento. Ele terá de reconquistar a confiança e o coração da esposa. Adultério é um pecado em ação, e requer ação para que seja curado. As palavras têm seu lugar, mas aqui são insuficientes.

O pastor não é um homem público qualquer. Envolvendo-se em adultério, seus papéis de sacerdote, professor e profeta são jogados fora e uma nova identi-

dade como “amante” é exposta à zombaria. Por um tempo, ele viveu numa terra de fantasia, mas agora deve enfrentar a cruel realidade da perda de inocência pessoal e profissional. Tudo isso exige de nós uma vida de extrema vigilância.

Mas o transgressor também precisa de tempo para restaurar seu lar, a confiança dos filhos, em si mesmo e em Deus. “Não diga que lhe é impossível vencer. Não diga: ‘É de minha natureza fazer assim e não posso fazer de outra forma. Tenho fraquezas herdadas e me sinto sem poder diante da tentação.’ Sabemos que não podemos vencer em nossa própria força; mas é-nos providenciada ajuda por Alguém que é poderoso para salvar.”<sup>8</sup>

O pastor necessita de tempo, coragem e sabedoria divina para salvar o casamento da outra mulher. Talvez o outro marido queira ouvir uma confissão do pastor sobre o que aconteceu. Mas essa atitude deve ser bem refletida e feita com muita oração. Uma explicação dada na presença do marido da outra mulher pode ser um passo importante. Todos devem estar seguros de que, pela graça de Deus, nada acontecerá de novo.

Há então a outra “mulher” a noiva de Cristo, a qual Ele confiou a Seus pastores. Ela está ferida e envergonhada, e o pastor fará tudo o que for necessário para recuperar a reputação dessa “mulher” diante do mundo que a observa. A Igreja é o objeto mais precioso de Deus na Terra.<sup>9</sup> O Senhor deve encontrá-la, em Sua vinda, “gloriosa, sem mácula, nem ruga” (Efés. 5:27).

## Recomendações

A prevenção contra a infidelidade deve começar durante o aconselhamento conjugal. A escolha da esposa do pastor não é coisa sem importância. Qualquer disfunção descoberta nas famílias do pastor e sua pretendida, e em si mesmos, deve ser considerada.

Devem ser estabelecidos programas, no plano de Educação Contínua, que tornem a igreja um “lugar seguro”, onde o pecado não tenha chance de crescer.

É preciso reduzir as longas viagens e ausências que separam os cônjuges. Nem todos os casais suportam isso, não importa quão necessário seja o trabalho. É muito importante ter sensibilidade para esse aspecto.

Os locais escolhidos para retiros e reuniões devem ser seguros. Algumas

idades oferecem facilidades, mas também possuem muitas tentações.

As transferências de pastores não deveriam ser um meio de disseminar problemas. Um Campo que recebe alguém necessitando de uma “segunda chance” deve ser bem informado.

Deve haver uma ênfase à integridade moral do pastorado em todos os níveis da Igreja. É oportuno lembrar que moral não se limita a questões sexuais.

## De colega para colega

Nós os pastores devemos ser amigos mais íntimos. Se não nos cuidarmos mutuamente, quem o fará? Quem intercederá por nossa segurança? Deus necessita de alguém que veja “se há em mim algum caminho mau”, de modo que possa me guiar “pelo caminho eterno” (Sal. 139:24).

Mas como podemos cooperar com o Senhor para que Ele nos salve de um relacionamento potencialmente ilícito? Considere estas sugestões:

✓ Junte-se aos amigos e colegas para jejuar e orar.

✓ Tomada a decisão de não continuar o caso, pare completamente. Nada de conversas sobre o que aconteceu, nem tentativas de serem “bons amigos”. Nada de telefonemas. Nenhum contato mais.

✓ Se trabalham juntos, este é um tempo apropriado para mudança de um dos dois.

O que pode um pastor fazer para sair de um caso ilícito real? Observe isto:

✓ Examine-se. Você é um escravo; um estranho no lar, em seu quarto. Pense na teia de desculpas e mentiras que você provavelmente já falou para si mesmo. Caia em si (Luc. 15:17).

✓ Avalie sua situação. Veja a ladeira escorregadia. Perceba quantos estão escorregando e quantos tentam subir de volta, sem sucesso. Somente o caminho para nosso Pai não é escorregadio (Luc. 15:18 e 19).

✓ Sua “amante” acabará controlando seu futuro, sua família e seu trabalho. Acha isso bom?... Entregue sua vida a Deus. Vá ao Pai e diga: “Pai, pequei contra o Céu e diante de Ti; já não sou digno de ser chamado Teu filho” (Luc. 15:21).

✓ Leia novamente o Salmo 51. Suplique a Deus inocência, pureza e paz.

✓ Sob a graça divina, enfrente sua esposa e lhe diga a verdade. Ela, que

sempre esteve ao seu lado; a mãe de seus filhos, a mulher da sua mocidade, não é mais confiável que sua “amante”? Provada e tentada com você, pode continuar ao seu lado mesmo agora. Mas isso deve ser feito com muita oração.

✓ Renuncie a qualquer coisa, para colocar a vida em ordem. Fazendo assim, as chances são de que você contenha o prejuízo e facilite a recuperação.

✓ Disponha-se a freqüentar, com sua esposa, um centro de tratamento especializado. Com a ajuda de Deus você retomará o sonho do primeiro amor.

✓ Ao decidir fugir da imoralidade, não se detenha em suas fraquezas humanas; nem deixe que o medo se torne uma companhia constante. Busque refúgio no abraço do Pai e no de sua esposa (Luc. 15:20-24). Se sentir dificuldade para obedecer, aja como um vitorioso: “Assim também vós consi-

## “Não podemos vencer em nossa própria força; mas é-nos providenciada ajuda por Alguém que é poderoso para salvar”

derai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rom. 6:11). Ao se intensificarem as tentações e oportunidades para pecar (Tia. 1:13-15), fuja literalmente.

“Essas coisas não impedem a ameaça da imoralidade, mas animam a permanecermos no caminho certo. ... Estejamos abertos ao apoio que Ele nos provê através de outros, e também através de Sua Palavra, Seu Espírito e os escritos de outros crentes.”<sup>10</sup> **M**

### Referências:

<sup>1</sup> Stanley J. Grenz e Roy D. Bell, *betrayal of Trust* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1995), págs. 158-160.

<sup>2</sup> Marie M. Fortune, *Is Nothin Sacred?* (San Francisco: Harper and Row, 1989), págs. 46-48.

<sup>3</sup> Grenz e Bell, *Op. Cit.*, pág. 161.

<sup>4</sup> *Ibidem*, pág. 163.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pág. 164.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pág. 167.

<sup>7</sup> Stan Thornburg, *Discipleship Journal*, 77 (1993), págs. 65-67.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *Signs of the Times*, 17/06/1889.

<sup>10</sup> L. M. Rabey, *The Snares* (Colorado Springs: Navpress, 1988), pág. 129.



# Inspiração e motivação

*União Central realiza primeiro concílio ministerial, após a divisão do Campo*

**D**urante os dias 30 de janeiro a 1º de fevereiro, foi realizado o Concílio Ministerial da União Central-Brasileira, UCB, nas dependências do Centro Adventista Universitário de São Paulo, Unasp, campus 3, em Hortolândia. O encontro reuniu aproximadamente 400 pastores dos Campos e instituições sediados no Estado de São Paulo. Foi o primeiro após o desmembramento que deu origem à União Centro-Oeste.

“Salvar pessoas das garras do inimigo é algo maior do que nós mesmos. Por isso, nos tornamos mais dependentes de Deus e do Seu Espírito.” Com essas palavras, o Pastor Domingos José de Souza, presidente da UCB, dava abertura ao evento e apontava seus objetivos: “confirmação do ideal, busca de poder para cumprimento da missão, além de confraternização”.

## Agenda

Na verdade, os discursos promocionais foram objetivos, concisos, e se limitaram a relembrar o indispensável. Mas os itens de realce da agenda foram os seminários, conduzidos pelos Pastores Ruy Nagel, Alejandro Bullón e Jo-

nas Arrais, Líderes da Divisão Sul-Americana, as discussões sobre procedimentos ministeriais, coordenada pelo Pastor Acílio Alves Filho, secretário ministerial da UCB, e as mensagens devocionais do Pastor Bullón.

Os seminários focalizaram a conduta pastoral e a missão, no contexto do discipulado. Nada de pressões numéricas, mas muita motivação, fundamentada na Bíblia e nos escritos de Ellen White, para o envolvimento de todos os membros na missão. Que cada um, segundo os dons que possui, seja inspirado, treinado e equipado para o trabalho. É assim que, de acordo com o Pastor Nagel, a DSA tem crescido, abrigando em seu território 17,17% dos adventistas de todo o mundo e sendo a terceira maior na devolução dos dízimos.

Em suas mensagens, o Pastor Bullón focalizou aspectos da experiência de Paulo encontrados na Segunda Carta aos Coríntios. Ali, o apóstolo se revela como um ho-



Líderes da DSA e da UCB, presentes ao concílio

mem normal, assaltado pelos mesmos sentimentos, preocupações, ansiedades, conflitos, e alvo dos mesmos ataques que atingem o pastor moderno. Mas foi um vencedor, graças ao inabalável senso de dependência de Cristo, do chamado divino e visão missionária. “Devemos viver de tal maneira que, ao chegarmos ao fim da vida, possamos dizer: ‘combati o bom combate, acabei a carreira... a coroa da justiça me está guardada’”, disse o orador.

Por falar em final de carreira, a Associação Ministerial da UCB homenageou os novos jubilados de seu território: Pastores Agenor Mesquita, Axel R. Waegle, Darci Gorski, Edson Jubanski, Homero dos Reis, Irineu Lourenço, Josias Castro, Mauro Bueno Filho, Moisés Sanches, Paulo Bauermeister e Valter Rosa.

## Evangelismo integrado

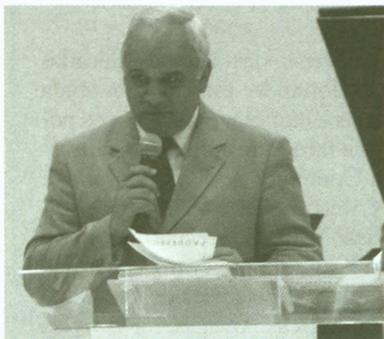
A liderança da UCB pretende implantar oito mil pequenos grupos e 2.200 classes bíblicas em seu território, além de recrutar 12 mil instrutores bíblicos para atender 110 mil interessados, 1.440 colportores efetivos e 890 colportores estudantes. Para as instituições educacionais, em todos os níveis, a meta é atrair 39 mil alunos.



Parte do auditório

Sob a coordenação do Pastor Acílio Alves, está em andamento um projeto segundo o qual cada Campo deverá escolher um pastor para ser treinado como evangelista, e um lugar para ser evangelizado. Esse pastor acompanhará um evangelista experiente, durante um período, e voltará para a sua igreja, para treiná-la e envolvê-la na campanha a ser realizada em seu distrito. Em todo o processo de capacitação da irmandade e realização da semana de colheita, estarão envolvidos os departamentos de Ministério Pessoal, Ministério da Mulher e a Associação Ministerial, dos Campos e da União.

Com esse esforço unido, os líderes da UCB esperam levar ao batismo, neste ano, 13.020 pessoas. **M**



Pastor Acílio Alves Filho: ênfase ao evangelismo pastoral

## A oração do pastor

Senhor, eu não Te peço que me faças grande, nem que o louvor dos homens soe em meus ouvidos. Mas sim, que da minha vida faças um vaso através do qual Tua mensagem possa fluir para os que choram.

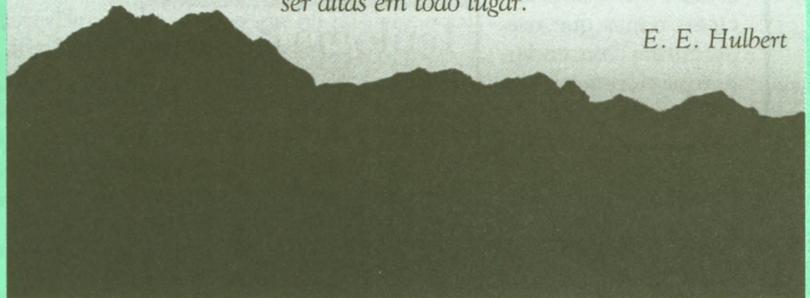
Eu não Te peço que os homens conheçam o meu nome nem que as multidões se ajuntem para ouvir a minha voz; mas isto eu Te peço: Que no seu vale de lágrimas os homens encontrem a Jesus, e nEle se alegrem.

É verdade, querido Senhor, que o louvor me é agradável. É a razão por que meu ministério é fraco? Senhor, toma o meu orgulho, o meu amor-próprio, e livra a minha vida do pecado.

Eis o que eu busco.

Então, Senhor, enche o meu coração com o poder do Espírito; esconde o meu rosto atrás do Teu, ó Salvador. Que só a Tua doce voz seja ouvida; e usa a minha língua, para que as palavras da vida possam ser ditas em todo lugar.

E. E. Hulbert



## HUMOR

Querido, acho que você está assumindo sozinho o trabalho da igreja, e o povo está ocioso.



"Deus deseja estar tão perto de você como estava com Cristo; tão perto que Ele possa literalmente falar através de você, de maneira que tudo o que você tenha a fazer seja traduzir.

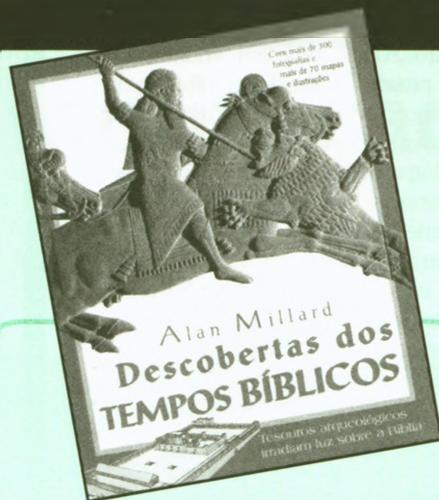
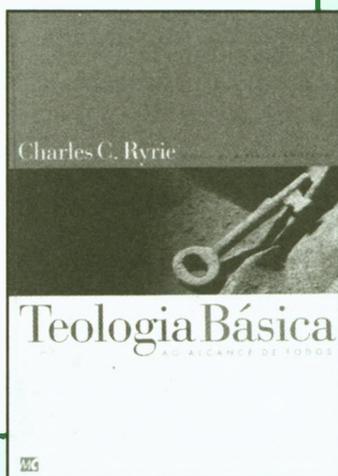
"Ele deseja estar tão perto de você que estar em sintonia com Ele se torne tão simples quanto colocar fones de ouvido; tão perto que enquanto outros pressentem tempestades e preocupações, você pode ouvir a voz d'Ele e sorrir."

Max Lucado

**TEOLOGIA BÁSICA** – Charles C. Ryrie, Editora Mundo Cristão, 659 páginas. Tel. (11) 5668-1700; [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

O texto simples e preciso, a diagramação moderna e envolvente, o uso de quadros e vários índices para consulta fazem de *Teologia Básica* um guia indispensável para aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos teológicos. É um livro que alcança estudantes, professores de religião, pastores e líderes de qualquer segmento eclesialístico.

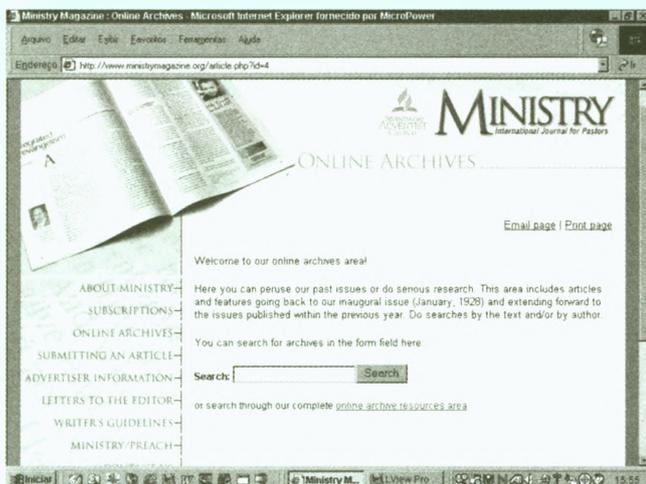
O Dr. Ryrie conduz o leitor em uma viagem pela teologia cristã e visita os principais temas que nos permitem entender porque cremos no que cremos.



**DESCOBERTA DOS TEMPOS BÍBLICOS** – Alan Millard, Editora Vida, 351 páginas; *telefax* (11) 6096-6833.

As descobertas das últimas décadas vêm proporcionando informações cada vez mais ricas e empolgantes sobre os povos, lugares e fatos que compõem a história bíblica. Com mais de 300 fotografias e mais de 70 ilustrações, este livro possibilita uma visão mais esclarecedora sobre o Antigo e o Novo Testamento.

Alan Millard é professor de Hebraico e Línguas Semíticas Antigas, na Universidade de Liverpool, Inglaterra.



## VEJA NA INTERNET

[www.ministrymagazine.org](http://www.ministrymagazine.org)

Esse é o site onde está disponibilizado o texto integral da revista *Ministry*, desde janeiro de 1928, constituindo-se, portanto, um dos mais importantes arquivos de interesse dos pastores adventistas.

As revistas foram escanizadas e depois transformadas em arquivos de texto no formato DjVu (funciona como um PDF), o que significa que permite busca por palavra, por frase (não esquecer de colo-

car entre aspas) e também usar os operadores booleanos (AND, OR, NEAR). É preciso, antes de usar pela primeira vez, fazer o *download* e instalar o *DjVu Browser Plugin*, que é oferecido no próprio site.

Para fazer uma pesquisa, clique no *link Online Archives* (é o terceiro na coluna de *links*, à esquerda da tela); depois, no campo *Search*, digite a palavra ou frase que deseja pesquisar. O relatório na tela informa mês, ano e página de cada revista *Ministry* onde consta a palavra pesquisada. Então, basta clicar no número da página para ter acesso àquele documento. A partir daí, usa-se a Barra de Botões PDF (que está na tela). Por exemplo, o botão Binóculo dá acesso a um *Find* para encontrar a palavra naquele documento que está aberto na tela.

Se o seu objetivo não é fazer uma consulta específica, mas ler uma revista, clique no *link Ministerial Collection* e escolha a revista de que mês e ano deseja ter na sua tela. Para virar as páginas, use os botões da Barra de Botões PDF. Você pode também imprimir, salvar, copiar uma parte do texto, etc.

Aproveite. São cerca de 40 mil páginas à sua disposição. Gratuitamente. – Márcio Dias Guarda



Divulgação

# Lança-o fora

## Alejandro Bullón

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

**F**azendo justiça ao título desta seção, quero escrever hoje realmente com o coração. É cedo em Brasília. Falta quase uma hora para o início do expediente aqui na Divisão. Pela janela da minha sala observo a luta entre o Sol e as nuvens negras que anunciam uma tormenta. Ontem choveu muito, e agora a luta entre o Sol e as nuvens continua, fazendo-me lembrar do conflito entre o bem e o mal, entre Cristo e o inimigo das almas. Sei que o Sol finalmente vencerá; a nuvem é passageira e, mais cedo ou mais tarde, cederá diante da presença do astro-rei.

Gostaria de ter a mesma certeza da vitória de Cristo em cada vida, mas não tenho. Isso não depende só de Jesus. Ele faz tudo para vencer no coração dos homens, mas, para que tal vitória seja válida na experiência individual, cada pessoa precisa decidir aceitá-la. Daí a minha incerteza e a dor que fere o meu coração.

Decidir é a chave da vitória ou da derrota. A liberdade que Deus nos dá pode ser a maior bênção ou a pior maldição. Todo dia, toda hora, a cada momento, é preciso decidir para o bem ou para o mal. Lembro-me então de personagens bíblicos que decidiram errado e tiveram de pagar muito caro por isso. Penso, por exemplo, em Sansão. Ele veio ao mundo para libertar o povo de Deus da opressão dos filisteus. Sansão tinha uma missão nobre e especial. Deus o escolheu dentre milhares, antes de ele nascer. É assim com todo pastor. A Jeremias, disse o Senhor: “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci, e antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Jer. 1:5). Foi assim com você. Em Seus gloriosos desígnios, Deus estabeleceu um plano maravilhoso para o seu ministério. Mas o cumprimento desse plano dependerá das decisões que você tomar.

Sansão não soube decidir. Um dia, chegou diante de seus pais e disse: “Vi uma mulher...” Inúteis foram os argumentos para dissuadi-lo, pois o futuro libertador do povo israelita concluiu: “... só desta me agrado” (Juí. 14:2 e 3). Note os verbos *ver* e *agradar*. O grande erro de Sansão não foi *ver*, mas *decidir* o que ver. O problema não residia nos olhos; mas no coração, na mente, e no tipo de mulher que ele viu. Você conhece o fim da história. Sansão morreu cego, solitário e realizando o

trabalho reservado aos jumentos, em um moinho. Esse não era o plano de Deus para ele, mas sua tragédia foi decidir errado.

Escrevo isso para falar da Internet. Esse avanço da tecnologia está sendo o cemitério de pastores de várias denominações. E o pastor adventista não está livre das garras ameaçadoras da utilização indevida desse recurso. Pastores para quem Deus reserva um futuro extraordinário podem jogar tudo fora, pela janela do computador. O problema não está nos olhos, nem no computador, mas no coração e na mente, na hora de decidir o que ver ou não ver.

Dois perigos básicos são a pornografia e o desperdício de tempo. O correio eletrônico de um pastor é invadido diariamente com ofertas de lixo. No início, talvez ele rejeite, mas a insistência é tão grande que, um dia, “só por curiosidade”, entra em um *site* indevido e, amparado pela privacidade, corre o perigo de tomar uma decisão errada. Afinal, quem o vê no silêncio do escritório? Quem sabe o que você está acessando? Horas preciosas são desperdiçadas nas famosas salas de “bate-papo”. Conversas que, na maioria das vezes, não edificam; apenas o distraem das prioridades de sua elevada vocação.

É comum a expressão “navegar na Internet”. Navegar é sair do porto com um destino certo. Sabe-se quando começa e termina a viagem. Talvez você precise navegar em busca de um objetivo claro e determinado. Mas quando

entra na Internet sem saber aonde vai, não está navegando; está boiando como no mar, sem destino, arriscando-se a adormecer e perder a consciência das coisas. Quando você bôia na Internet, adormece e lentamente perde a consciência da sagrada obra que Deus lhe confiou.

Agora percebo o Sol brilhando no céu de Brasília. A nuvem negra foi levada pelo vento, e isso traz esperança ao meu coração. Se você permitir, a Luz vencerá. Jesus Cristo estabeleceu o princípio de que tudo o que atrapalha a vida espiritual deve ser descartado: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Mat. 5:29).

Entre lançar fora o olho ou o computador, por que não ficar no equilíbrio que só Jesus Cristo proporciona? Pense nisso. **M**

**Jesus estabeleceu  
o princípio de que  
tudo o que atrapalha  
a vida espiritual  
deve ser descartado**

# Peça já os DVDs do Hinário Adventista



Já estão disponíveis os volumes de 1 a 6

Vol. 1: cód. 8201  
Vol. 2: cód. 8202  
Vol. 3: cód. 8203  
Vol. 4: cód. 8204  
Vol. 5: cód. 8205  
Vol. 6: cód. 7834

Comece hoje mesmo a sua coleção de DVDs do Hinário Adventista, com os hinos ilustrados com belas imagens da natureza. Ganhe muito mais qualidade e interatividade nos momentos de louvor em família ou em pequenos grupos.

**Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606\*, acesse: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br), ou entre em contato hoje mesmo com o SELS de sua Associação.**

\*Horários de atendimento: Segunda a Quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h

**Casa Publicadora Brasileira**

